

THOT



UMA PUBLICAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA

Nº 57 1993



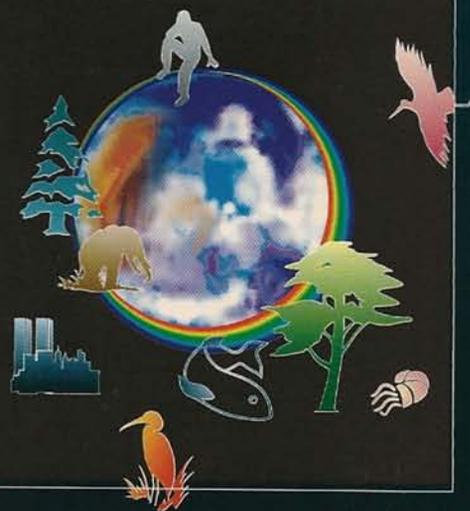
A NOVA IDENTIDADE MASCULINA

ENTREVISTA COM CRAIG GIBSONE

PROFECIAS E A CIÊNCIA DO CAOS

OS MITOS DA TERRA DOS VIKINGS

A ECOLOGIA REVISTA POR FRITJOF CAPRA





ASSOCIAÇÃO PALAS ATHENA CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS

SEDE CENTRAL

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - São Paulo - SP
CEP. 04003 - Tel.: (011) 288 7356 e 283 0867

GRÁFICA E EDITORA PALAS ATHENA

Rua José Bento, 384 - Cambuci - São Paulo - SP
cep. 01523 - Tel.: (011) 279 6288 e 270 6979

CENTRO PEDAGÓGICO CASA DOS PANDAVAS

Bairro do Souza - Município de Monteiro Lobato - SP
CEP. 12250

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA (Bauru)

Rua 13 de Maio, 12-16 - Bauru - SP
CEP. 17015 - Tel.: (0142) 23 4424

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA (Santos)

Rua Joaquim Távora, 80 - Santos - SP - CEP. 11065



THOT é uma publicação multidisciplinar da Associação Palas Athena. Seu nome é a forma grega de uma antiga divindade egípcia padroeira dos escribas e dos matemáticos, criadora da escrita, fundadora da ordem social, intérprete e conselheira dos deuses. Geralmente representado com a cabeça de íbis, Thot manifesta a essência do pensamento criador.

THOT Nº57- MARÇO/1993
tiragem: 6.000 exemplares

Editores: Associação Palas Athena do Brasil, Lia Diskin, Basilio Pawlowicz, Primo Augusto Gerbelli - **Edição de Texto:** Graciela Karman - **Edição de Arte:** Roberto Sanz - **Revisão Técnica:** Lia Diskin - **Equipe Thot:** Carmen Fischer, George Barcat, Isabel Cristina M. de Azevedo, Lucia Brandão S. Moufarrige, Lucia Benfatti Marques, Maria do Carmo de Oliveira, Maria Helena Zockun, Maria Léa Schwarcz, Nilton Almeida Silva, Roberto Ziemer, Odette Lara, Therezinha Siqueira Campos, Verônica Rapp de Eston - **Editoração Eletrônica:** Roberto Sanz - **Produção:** Basilio Pawlowicz, Emílio Moufarrige, Sérgio Marques - **Composição, Impressão e Distribuição:** Gráfica e Editora Palas Athena - **Assinaturas:** Collaço Veras **Colaboradores:** Álvaro Celso Guimarães (Bélgica), Conrad Richter (Canadá), Henryk Skolimowski (EUA), Maria Cristina Flores (Argentina), Manoel Vidal, Pierre Weil, Takeshi Assaoka (Brasil), Tica Broch (Suíça) - **Jornalista Responsável:** Graciela Karman.

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida a reprodução, citando a origem. Os números atrasados são vendidos conforme a última tabela de preços publicada pela Editora Palas Athena. Periodicidade: trimestral. Assinatura por 4 (quatro) números - Pedidos em nome da Associação Palas Athena do Brasil, Rua Leônido de Carvalho, 99 (Paraíso), CEP 04003-010, São Paulo, SP. Fones: (011) 288.7356 e 283.0867.

A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores.

Matrícula nº 2046. Registro no DDCP do Departamento de Polícia Federal sob nº 1586 P 290/73.

CAPA:
Ilustração em editoração eletrônica que tem como tema A Nova Identidade Masculina.

Como é possível que um ser ...

Se eu perguntar a alguém o que fez, o que escutou, o que cheirou, tocou e saboreou ontem, o mais provável é que eu receba apenas, como resposta, um tênue e superficial esboço das poucas coisas que esse alguém notou – e apenas daquelas que considerou dignas de recordar. Será surpreendente que uma existência experimentada dessa maneira pareça tão vazia e nua que sua fome por um futuro infinito se torne insaciável? Mas suponhamos que essa pessoa me responda: "Eu levaria toda a vida para lhe contar e estou demasiado interessado pelo que está acontecendo agora".

Como é possível que um ser com jóias tão sensitivas quanto são os olhos, com tão encantados instrumentos musicais como os ouvidos e com um arabesco de nervos tão fabuloso como é o cérebro se possa sentir algo menos do que um deus? E, quando consideramos que este organismo incalculavelmente sutil é inseparável dos ainda mais maravilhosos padrões do seu meio ambiente – desde os menores impulsos elétricos até a companhia inteira das galáxias – como é possível conceber que esta encarnação de toda a eternidade tenha tédio de existir? *

* Allan Watts, *Tabu*, Editora Três, São Paulo, s/d, p. 112.

ÍNDICE

Entrevista com Graig Gibsons: Guerreiros do coração <i>Roberto Ziemer e Graciela Karman</i>	2
Ecologia profunda: um novo Renascimento <i>Fritjof Capra</i>	10
Profecias e a ciência do caos <i>Conrad Richter</i>	16
Mitos da Islândia <i>Cláudio Daniel</i>	22
O caminho espiritual <i>Frances Vaughan</i> <i>Tradução e adaptação de Verônica Rapp de Eston</i>	26
Ensinamos o que somos <i>Joseph Chilton Pearce</i>	30
Carta de Canela: o futuro em nossas mãos	32
<i>Epifanias:</i> <i>Oração ao Dalai Lama</i>	36

Entrevista

GUERREIROS DO CORAÇÃO

Craig Gibsone, 51 anos, diretor da Fundação Findhorn da Escócia, há 25 anos líder de grupos de crescimento e autoconhecimento, percorre o mundo propondo aos homens um novo, profundo e honesto relacionamento com sua masculinidade.

Nesta entrevista a Graciela Karman e Roberto Ziemer, da *Thot*, Craig Gibsone, que vem incluindo o Brasil em seus roteiros, comenta sua filosofia e seu método de trabalho com grupos de consciência masculina – um convite para desbravar o território dos medos dos homens. O propósito dessa aventura compartilhada é abrir espaços para um homem ao mesmo tempo mais forte e mais flexível, pronto para responder com sabedoria aos desafios do novo mundo que emerge.

Craig fala também de sua trajetória de vida, de seu próprio "caminho do coração". Partindo de um tempo e um lugar onde o homem e a mulher se comportavam como dois seres praticamente estranhos, passando pelas alternativas que cada época lhe ofereceu, ele desvenda um modo de ser que permite ao homem religar-se vigorosamente a sua natureza primal e reconstruir os laços consigo próprio, com os outros homens, com a mulher e com o mundo.

THOT – Costuma-se dizer que o problema da identidade masculina começa com um paradoxo: são as mães, as mulheres que criam os meninos e lhes ensinam a ser homens.

CRAIG GIBSONE – É verdade. A maior parte dos homens com quem trabalhei, no Hemisfério Norte e no Hemisfério Sul, tiveram um pai ausente grande parte do tempo. As mulheres, assumindo papel duplo, quase esquizóide, tentaram ensinar-lhes a ser homens. Mas também a ser algo mais, a sentir amor, a solidarizar-se. Minha mãe, que era uma mulher muito sensível, me ensinou a atirar na fazenda australiana onde nasci e me criei. É claro que, por outro lado, me enviava uma mensagem conflitante, dizendo-me que aquilo não estava certo.

T – Esse duplo papel da mulher atrapalha muito?
CG – Falando por mim, posso dizer que na adolescência, quando procurava estabelecer minha identidade, eu não tinha onde me firmar. Para assumir meu papel masculino,



Litografia de Marcello
Grassmann

tive que rejeitar minha mãe. Na luta por fixar uma identidade, projetava contra minha mãe grande parte da raiva que sentia pelo meu pai.

T – Quando fez as pazes com seus pais?

CG – Deixei a Austrália aos 23 anos. Ao voltar pela primeira vez, aos 28, já tinha começado a meditar, a entrar em processos espirituais e psicológicos. Pude aceitar, apreciar e compreender minha mãe. Pude comunicar-me com meu pai. À sua maneira, um tanto cínica e gozadora, ele tentava me entender, embora até certo ponto me rejeitando. Seu humor, como o de muitos homens – como o de muitos de nossos pais – continha essa ponta de destrutividade. Esse foi outro aspecto que compreendi nele. Apesar de nossas grandes brigas, comecei a apreciá-lo, porque ele nunca teve as mesmas oportuni-

dades que eu e, assim como nos magoava, também havia sido magoado pelo seu pai. Ajudei minhas irmãs a entender que nosso pai, quanto mais nos amava, mais nos provocava: "Ele está dizendo isto, mas, na realidade, quer dizer que nos ama". Já com minha mãe me entendia diretamente. Ela compreendia minha natureza interior, meu trabalho espiritual.

T – A ligação com sua mãe parece saudável. Mas, e quando só o pai sobe na vida, ou só ele se realiza e a mãe fica frustrada e projeta sua frustração no filho?

CG – É uma situação que pode levar o homem a retomar o antigo padrão, afastando-se da mãe para espelhar-se exclusivamente no pai, gerando um círculo vicioso – ele será incapaz de confiar nas mulheres em geral e em sua mulher em particular. No meu caso,

meus pais fizeram uma coisa boa deixando que eu me distanciasse de ambos em busca do mundo.

T – Onde começou a busca?

CG – Na escola de arte, aos 17 anos, onde minha mãe me matriculou para que estudasse pintura e escultura, propiciando uma abertura para minha criatividade – sou disléxico, e disléxicos são muito criativos. Minha criatividade foi reconhecida e isso compensou os danos que meus fracassos escolares haviam causado à minha auto-imagem. As dificuldades escolares eram devidas à dislexia, mas nem eu, nem minha família, nem meus professores sabíamos; o diagnóstico só foi feito muito mais tarde. Nessa fase, surgiu também um lado oposto à criatividade, um lado autodestrutivo. Aflorou aquele aspecto de macho australiano, que tinha que saber atirar, fazer sexo, ir a festas e beber muito. Vieram à tona os paradoxos do meu pai, dizendo: "agora você pode ter quantas mulheres quiser", enquanto protegia minhas irmãs do assédio dos outros homens. Mais um paradoxo com que me defrontei diz respeito aos homens *gays* que então conheci. Embora não tivesse tendências homossexuais, eles me impressionaram bem porque cuidavam uns dos outros, eram carinhosos entre si. Acontece que um dos passatempos dos círculos masculinos que eu frequentava, e onde tentava ser aceito, era procurar *gays* para agredi-los.

T – Aonde o levaram os conflitos?

CG – Em primeiro lugar, à Inglaterra. Em meados dos anos 60, lá estava eu: um pintor alcoólatra, sofrendo de câncer, quase dando cabo de minha vida. Alguns pesquisadores, como o dr. Ronald Laing, começavam a fazer experiências psicodélicas com LSD. Essas experiências quase religiosas, acompanhadas por psicoterapeutas, me conduziram a um novo relacionamento com a vida e com a criatividade, ajudando-me a integrar uma identidade até então cindida e destrutiva. Houve como uma revelação espiritual, uma abertura da percepção. De um dia para o outro, parei de beber, parei com o processo de autodestruição. Percebi como tudo estava interligado. O tecido da vida me envolvia e penetrava em todo meu ser: impossível continuar a destruir a mim mesmo e aos ou-

tros. Fui adiante nesse caminho, buscando meios naturais de induzir as experiências de integração: hatha ioga, pranaiama, técnicas de meditação budista. E sarei do câncer.

T – Com relação à masculinidade, qual a nova percepção que esta abertura lhe trouxe?

CG – Compreendi que quando a força do homem é distorcida pelas expectativas sociais de sucesso narcisista, de dominação da natureza, das crianças, do feminino, toda sua vida se desequilibra. Hoje, tento transformar essa força. O lado machão pode ser usado como um processo de amor, revertendo a trajetória de violência e destruição. A tarefa psicológica do homem atual é lidar com a força masculina bruta, localizada nos três primeiros chacras, sem bloqueá-la ou rejeitá-la e nem tampouco deixá-la tomar conta de sua consciência. Mantendo-a e projetando-a para fora ou conduzindo-a interiormente. Assim, ele será capaz de relacionar-se por inteiro com os demais, sem perder a sensibilidade. Outra parte do trabalho é destruir a barreira entre os homens, para que se relacionem também através de seu lado sensível.

T – A maioria dos homens se permite mostrar esse lado a uma mulher, não a outro homem.

CG – As mulheres poderiam ajudar os homens, estimulando-os a se conectarem uns com os outros. Deveria ser possível manifestar nossa natureza sensível e solidária entre nós mesmos. Sempre levamos nossas dores às mulheres. Voltamos às nossas mães. Deveríamos permitir-nos voltar a nossos pais também. Sei que recebi muito de minha mãe nesse aspecto, mas também recebi muito de meu pai, embora de forma distorcida. Outro homem pode fazer as vezes de meu pai, meu irmão, meu filho. Acontece que os homens têm medo uns dos outros. Uma das situações mais assustadoras para um homem é sentir-se exposto diante de outro homem. Veja-se nosso comportamento em um vestiário: tratamos de manter distância, nos defendemos dando toalhas, fingindo que lutamos.

T – O que há por trás disso?

CG – Entre outras coisas, o medo de sentir-se atraído. Se sinto atração, quem sabe ela não se transforme em desejo. O que pode

acontecer vendo a beleza de outro homem? O que? Será que vou ter uma ereção? Já é bastante embaraçosa uma ereção incontrolável provocada por uma mulher, imagine por um homem... Estar em um espaço vulnerável, sem nenhuma proteção, nenhum intermediário – sem uma garrafa de bebida, uma tevê transmitindo um jogo – gera ansiedade, medo.

T – Como você trabalha com isso?

CG – Indo mais fundo no que está acontecendo. Qual é a fantasia? Deixe-a manifestar-se; conte-nos o que se passa. Porque se ficar reprimida, a fantasia é que vai passar a dominá-lo.

T – Qual a fantasia mais comum nos grupos?

CG – Ser visto como um frouxo. Perder a identidade masculina estereotipada. Perder o controle. O que acontecerá se um homem se sentir rebaixado perante outros homens, se perder o domínio sobre seus sentimentos? Será julgado? O que dirão os outros? De hábito, queremos ser tão fortes quanto achamos que os outros são. Não admitimos vulnerabilidade, fraqueza; não nos permitimos cuidar de nossas fragilidades.

T – Como é o novo modelo de homem? Ou não há um modelo e sim um processo de individualização?

CG – Creio que uma característica marcante do novo modelo é a vontade de partilhar os sentimentos mais íntimos, de se abrir com outro homem, com a mulher, os filhos, a família. De minha parte, estou disposto a responder a perguntas diretas o mais sinceramente possível, a partilhar meus segredos. Jung disse que nossos segredos são a causa de nossas doenças. Ao expor minhas "fraquezas", espero que as pessoas me vejam como um ser humano, se animem a contar suas histórias e comecemos a compreender um ao outro. Este é um dado importante do novo homem.

T – O que é preciso para que os homens se animem a partilhar seus segredos?

CG – É preciso um certo clima. É preciso estarmos juntos, eu e outros homens, dispostos a ser sinceros. É isso que fazemos nos workshops. Pode-se argumentar que um grupo de homens afim de partilhar segredos não passa de uma gota no oceano da hu-

manidade. No entanto, cada grupo cria mais e mais ondas. Quanto mais partilharmos, mais pessoas virão partilhar. O movimento masculino é muito novo, mas está ganhando terreno e afetará cada vez mais a sociedade. Percebo que, em noventa por cento dos casos, a abertura que se dá no grupo repercute diretamente nas relações de cada um desses homens com suas mulheres, seus amigos, seus filhos, seus pais.

T – Por que os movimentos masculinos estão tomando força agora?

CG – Entre outras coisas, porque a sociedade já aceita que os papéis de homem e mulher sejam intercambiáveis. Na comunidade de Findhorn, muitas mulheres trabalharam na construção lado a lado com os homens. Nem por isso eram menos femininas. Eram mulheres sensíveis e amorosas que gostavam de trabalhar com madeira e pedra, assim como muitos homens gostavam de cuidar das crianças. Isso acontece em muitos casais. Cada casal é que deveria decidir quem vai fazer o quê.

T – A mistura de papéis não confunde as crianças quanto ao feminino e o masculino?

CG – Não creio. As crianças não sentem "aquela pessoa é mulher, portanto deve me dar isto, e aquela outra é homem, portanto deve me dar aquilo". Para elas, todo amor é igual, não importa de quem e de que forma venha. Quem cria os papéis são os adultos. A qualidade da energia é que é diferente, conforme venha do homem ou da mulher. A crítica que se fazia às comunidades dos anos 60, de que também participei, era que o feminino e o masculino se confundiam. Os homens tentavam viver seu lado feminino e se tornavam mais dóceis e soltos, as mulheres exploravam seu lado masculino e ficavam mais fortes, mais duras. E acabavam sem saber quem era quem. A partir de certo ponto, o movimento masculino passou a buscar o equilíbrio, tentando reestabelecer o que é ser um homem, onde buscar e como usar a energia masculina. A energia do guerreiro – um guerreiro do coração.

T – Como é a energia do guerreiro do coração?

CG – É a energia de um homem com a coragem de partilhar seus sentimentos em vez de gastar forças para lutar contra eles ou

O movimento masculino ganha força e afetará cada vez mais a sociedade

Os homens se juntam para rituais como jogar futebol, mas sem jamais baixar a guarda.

para escondê-los. É a capacidade de dizer claramente "não aceito o modelo que me foi imposto. Quero estabelecer um relacionamento novo, íntimo, de abertura e confiança. E vou buscar as pessoas que também sintam e pensem assim". Este é o meu guerreiro; esta é a minha identidade masculina. Nós, homens, estamos destruindo velozmente este planeta. Estamos destruindo a camada de ozônio, que é o sistema imunológico da Terra. O que estamos fazendo com o corpo da Terra é o mesmo que o câncer e a Aids fazem com nosso corpo. Temos que começar a conectar-nos com nosso próprio coração, a conectar nosso coração com o dos outros homens, para podermos enxergar a partir do coração e cuidar de nós e do mundo em volta.

T – Nas culturas primitivas, o menino adquiria sua identidade de adulto em rituais com os homens mais velhos da tribo.

CG – É importante mesmo que o homem experimente com outro o que é ser homem. É importante, em nossa sociedade também, que os homens tenham sua hora masculina e as mulheres sua hora feminina. Não, é claro, no contexto antigo – mulheres na cozinha, homens no bar.

T – O que você aprendeu a esse respeito entre os índios?

CG – Em nossa sociedade, os homens se juntam para rituais como ver ou jogar futebol, mas sem jamais baixar a guarda. Os índios, ao contrário, não têm medo um do outro. Eles se juntam para cantar horas a fio com o intuito de ultrapassar a barreira da identidade, de chegar a um ponto de abertura com relação ao outro, ou aos reinos da natureza. Eles me despertaram a lembrança do laço natural que existe entre os homens, me mostraram maneiras, que eu havia esquecido, de estar com outros homens. Os indígenas me religaram com minha natureza primal. Não se trata de eu tentar ser um índio. Esse aprendizado me ajuda a tentar ser um homem branco, do século 20, redescobrimo a maneira de relacionar-se com o mundo que o cerca.

T – Em alguns rituais os índios usam alucinógenos para quebrar barreiras e propiciar aberturas. E o homem branco?

CG – O bonito disso é que eu posso dispensar drogas ou outras substâncias. Posso ter essas experiências através de suaves rituais, respiração holotrópica (método criado por Stanislav Grof, combinando hiperventilação, música evocativa e trabalho corporal localizado) ou meditação. Ou até posso optar por rituais indígenas, que também funcionam para o homem branco disposto a explorar sua psique sem medo de perder aquilo que chama de sua identidade.

T – Como você trabalha nos workshops?

CG – A primeira coisa a fazer é compartilhar as histórias pessoais – sentar e partilhar sentimentos a respeito de pais, mães, identidade sexual... Depois de algumas histórias, a reação é "meu Deus, mas é meu caso!" Os homens constatarem que colecionaram sentimentos, culpas comuns a todos, e isto começa a criar certa vulnerabilidade, certa solidariedade. Eles constatarem, por exemplo, quanto lhes dói o papel de provedores que os obriga a trabalhar até doze, catorze horas por dia. Cantos e danças muito simples, provenientes de qualquer cultura, repetidos várias vezes resultam em um estado de consciência levemente alterado. Cantando cinco ou dez minutos com um grupo de homens – coisa a que você não está acostumado – surge algo poderosamente masculino. Ao parar de repente você se pergunta "o que está mesmo acontecendo?" Se o ritual continuar por meia hora, você diz "algo está acontecendo"; em uma hora, você entra em um estado que não é transe, nem hipnose. É, digamos, um semi-transe, e você começa a sair de seu estado habitual, a se ver. Enfim, por meio do canto, da dança, da respiração, pode-se atingir um estado alterado de consciência em que você se vê agindo no contexto de um grupo masculino. As técnicas visam este "salto", para vivenciar um ao outro e também o que somos coletivamente. É importante os homens verem o poder que criam em grupo. Um poder que em geral é usado para destruir, através de conflitos, guerras ou até da religião. Sentir e ver que este poder é um estado, um local de amor, de intimidade, faz parte do novo homem.

T – Este é o poder do guerreiro do coração?

CG – Isso mesmo. É a retomada de um poder que nos é tirado quando somos, de algu-

ma forma, castrados por nossas mães, nossos pais, a sociedade, e perdemos o sentido real de nós mesmos. Tanta guerra, tanta destruição, sobretudo com relação ao planeta, é consequência da perda de inteireza do homem ocidental do mundo industrializado que, irresponsavelmente, depreda.

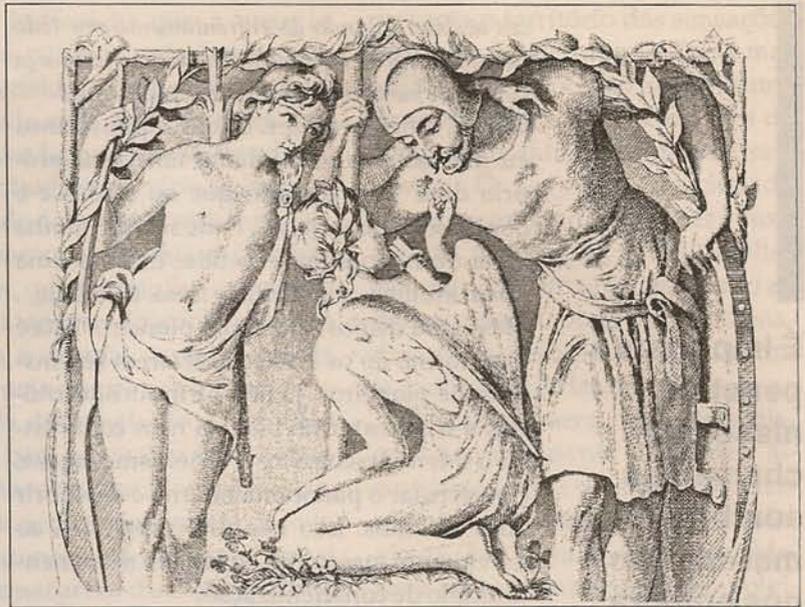
T – Para abrir passagem ao guerreiro, é preciso que o ego se dissolva. É isso que visam os rituais...
CG – Em todos os rituais indígenas, alguns bastante severos, o jovem guerreiro tem que passar por diversas experiências interiores até chegar ao ponto em que encara o próprio medo de morrer – o medo da morte física. Ele vivencia sua morte e então o ego se defende, tenta controlar a situação. Um grupo de anciãos, ou de homens experientes, o ajuda a passar por esse processo de morte, por essa projeção do eu que se apega à idéia "sou um homem, sou mais poderoso que qualquer coisa a meu redor". O indivíduo então vê como é insignificante sua identidade do ponto de vista do macrocosmo. O importante é que essa "morte" do ego seja cercada pelo cuidado e o amor dos outros, para sair da experiência sem sentir-se julgado um fracasso. A partir daí, você começa a ser mais cuidadoso, mais receptivo, mais humilde e aberto, não só nos relacionamentos com os outros, mas com a vida em geral também.

T – O objetivo desses rituais é fazer o indivíduo reconhecer o que é morte física e morte psicológica. Muitos ocidentais, por estarem identificados com o corpo, e por extensão com o ego, não conseguem fazer esta separação. Daí o horror a vivenciar tais rituais. No entanto, a morte do ego é uma etapa indispensável.

CG – Não só nesse trabalho, como em qualquer caminho de autoconhecimento. Os métodos podem variar, mas o processo da morte do ego é indispensável. O medo das pessoas é perderem o controle, não serem mais as mesmas pessoas depois – e elas não serão mesmo. É o ego que se apega à segurança ilusória das coisas em que foi ensinado a acreditar.

T – No fim do workshop, como se sentem os participantes?

CG – Na maioria das vezes, percebem que fizeram uma conexão diferente com outros homens, que podem estar mais intimamen-



Gravura de D. MacIise, R. A. e F. P. Becker

te com outros homens sem sentir-se ameaçados. Perdem muitos medos. As mulheres deles constataam: "Você está me tocando de um jeito diferente". "Você está me escutando". "Você está ao mesmo tempo mais suave e mais forte". Na comunidade onde eu moro, quando os homens se preparam para um retiro desse tipo, as mulheres dizem "vá sim, vá logo". Elas gostam de nós quando voltamos. As mulheres ajudam muito os homens mostrando-lhes que não gostam dos velhos estereótipos, que, para seu equilíbrio feminino, precisam e gostam daquilo que o homem tem e elas não têm, e que para esse equilíbrio é necessário um homem que use sabiamente sua força.

T – Depois de uma vivência assim, é fácil retomar os compromissos, o cotidiano?

CG – Fácil não é. Eu até aviso aos participantes que eles não serão mais os mesmos e poderão surgir somatizações como dor de estômago ou insônia. Haverá alguns obstáculos a vencer para continuar no processo, e continuar seria muito bom. Mas também é possível que, depois de algumas semanas, o padrão anterior seja retomado.

T – Mesmo pessoas que em princípio estão empenhadas em entrar em contato com sua identidade, enfrentando seus medos, lidando com suas sombras (no sentido que Jung deu ao termo, de qualidades positivas ou negativas que o indivíduo rejeita ou não reconhece em si mesmo), muitas ve-

É importante penetrar nisso que chamamos sombra: o mal está em nós embora só o vejamos do lado de lá.

zes acabam fugindo do enfrentamento por todo tipo de atalho. O movimento masculino terá força suficiente para levar adiante seus propósitos?

CG – É difícil prever. Daqui a quinze anos eu mesmo estarei mudado; talvez eu próprio diga "não acredito que eu cantasse e dançasse daquele jeito". Pode ser que minha idéia do novo homem mude. Existirá uma nova mulher, a sociedade será diferente... Mas estou disposto a ser um pioneiro. Esta é uma forma de os homens saciarem seu instinto de pioneiros. Já não há muitos territórios a conquistar no planeta nem continentes a serem descobertos. Pioneirismo, agora, é perscrutar o panorama interno e descobrir onde estamos. Isso não diz respeito só ao movimento masculino, mas a um movimento amplo de conscientização.

T – Atualmente, que filosofia poderia nos ajudar a reconhecer a sombra pessoal e atingir uma identidade mais plena?

CG – Segundo o modelo que nossa sociedade nos apresenta, o bom é ser feliz e realizado, não é? Naquilo que for triste, negativo, não vamos mexer, por favor, porque isso é ruim. Do Oriente vem um ensinamento diferente: em tudo existe um lado negativo e um lado positivo que se equivalem – um não é melhor que o outro. A dor, por exemplo, é um dos melhores processos de aprendizado. Nós ocidentais, entretanto, tentamos transformar rapidamente o sofrimento em um processo de pasteurização em que se inserem a televisão, o carro novo, o emprego novo. É importante penetrar nisso que cha-

mamos sombra, porque a sombra faz parte de nós. O mal está em nós, embora insistamos em que ele só existe do lado de lá. É imprescindível visitar esses locais sombrios que se escondem dentro de nós, em nossos corações e nossas mentes.

T – Na prática, como nos confrontamos com a sombra pessoal?

CG – Por exemplo, dispondo-nos a sentar-nos com alguém e dizer "olha, estou louco da vida com o que você fez". Dispondo-nos a dar e receber *feedback*, não importa que seja positivo ou negativo – atentos ao dar e receber. Eu estou pronto para ouvir e você pode me dizer qualquer coisa, mesmo que seja embaraçosa. Uma técnica, numa situação difícil, é devolver, como um espelho, o que a pessoa disse: "Eu ouvi você me dizer que sou mentiroso, trapaceiro...". Em primeiro lugar, você diz o que quer. Depois, certifica-se de que a pessoa tenha ouvido o que você queria dizer. Em seguida, revertem-se os papéis: "Agora eu falo e você escuta qual é meu ponto de vista". Há muitas técnicas. Já tive profundas discussões com outros homens, mas nenhuma delas foi uma luta, uma competição em que um saía vencedor. No fim, saíamos juntos. Isso é importante. Podem-se usar métodos tradicionais e modernos, orientais e ocidentais, música e dança coletivas, trabalhos com o corpo, respiração holotrófica, pranaiaama, técnicas milenares... no fim, tudo aponta na mesma direção. Tudo mostra a necessidade de um homem novo para um mundo novo. ▲

BIBLIOGRAFIA

- Bly, Robert – João de Ferro, *Campus, Rio de Janeiro, 1991.*
- Bolen, Jean S. – Gods in Everyman, *Harper and Row, São Francisco, 1989.*
- Campbell, Joseph – O Herói de Mil Faces, *Editora Cultrix, São Paulo, 1988.*
- Colman, Arthur & Colamn, Libby – O Pai: Mitologia e Reinterpretação dos Arquétipos, *Editora Cultrix, São Paulo, 1990.*
- Eisler, Riane – O Cálice e a Espada, *Imago, Rio de Janeiro, 1989.*
- Eliade, Mircea – Iniciações Místicas, *Taurus Ediciones, Madri, 1975.*
- Grof, Stanislaw – Além do Cérebro - Nascimento, Morte e Transcendência em Psicoterapia, *MacGraw Hill, São Paulo, 1987;* Emergência Espiritual, *Editora Cultrix, São Paulo, 1992.*
- Hillman, James – Puer Papers, *Spring Publications, Irving, TX, 1979;* Encarando os Deuses, *Editora Cultrix, São Paulo, 1992.*
- Johnson, Robert A. – He: A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina, *Mercury, São Paulo, 1987.*
- Jung, Carl G. – Memórias, Sonhos e Reflexões, *Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1975.*
- Keen, Sam – Fire in the Belly: On Being a Man, *Bantam Books, Nova York, 1991.*
- Kerényi, C. – The Heroes of the Greeks, *Thames & Hudson, Londres, 1959.*
- Laylor, Robert – Honrando a Terra: A Nova Sexualidade Masculina, *Interação, São Paulo, 1991.*
- Levinson, Daniel – The Seasons of a Man's Life, *Ballantine Books, Nova York, 1978.*
- Miller, Alice – For Your Own Good: Hidden Cruelty in Child-Rearing and the Roots of Violence, *Farrar, Straus & Giroux, Nova York, 1983.*
- Monick, Eugene – Phallos: Sacred Image of the Masculine, *Inner City Books, Toronto, 1987.*
- Moore, Robert & Gillette, Douglas – King, Warrior, Magician, Lover: Rediscovering the Archetypes of the Mature Masculine, *Harper Collins, Nova York, 1990.*
- Samuels, Andrew – The Father: Contemporary Jungian Perspectives, *New York University Press, Nova York, 1985.*

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO



Neste curso, composto de três módulos, procuraremos mostrar o que têm a ver conosco as grandes questões da filosofia e em que medida o exercício do pensamento filosófico é capaz de organizar e dar significado ao nosso mundo interior e, conseqüentemente, à nossa vida cotidiana.

MÓDULO 1

O QUE SIGNIFICA PENSAR FILOSOFICAMENTE?

a filosofia como cuidado da alma

A SITUAÇÃO DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

PERGUNTAS DE TODOS OS DIAS SOBRE:

o dinheiro, o tempo, a violência, a cultura e o divertimento

O DEBATE SOBRE A PÓS-MODERNIDADE

a fragmentação do sentido de identidade
a riqueza das diferenças – a aceitação do outro
da indiferença ao reencantamento do mundo

A ECOFILOSOFIA E O DESENVOLVIMENTO

uma análise dos rumos do capitalismo, do
industrialismo, da tecnologia e da democracia

A EXPERIÊNCIA HUMANA

a liberdade como auto-revelação
a justiça e os direitos humanos
as muitas faces da beleza
as formas do amor
a compaixão e os limites da experiência humana

MÓDULO 2

A FILOSOFIA E AS VISÕES DE MUNDO:

da antiguidade grega
do hinduísmo e do budismo
da cultura chinesa
das tradições judaica, cristã e islâmica
do Renascimento
da Idade Moderna
da ciência contemporânea

MÓDULO 3

REFLEXÕES SOBRE A AÇÃO:

a intenção, a motivação e a perseverança
o estado de maravilhamento e a vida ética

O PODER NO CONTEXTO:

mítico, religioso, político-ideológico, econômico e tecnológico

A EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA:

um eu: dois mundos – o Ser e a Aparência
a consciência sem fronteiras
a meta-motivação

Módulo 1: início – 10/março; término – 02/junho, aulas às quartas-feiras, das 19:30 às 21:30h
início – 20/maio; término – 05/agosto, aulas às quintas-feiras, das 19:30 às 21:30h

Módulo 2: início – 11/agosto; término – 24/novembro, aulas às quartas-feiras, das 19:30 às 21:30h

Módulo 3: informações a partir de novembro/93

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

Associação Palas Athena - Centro de Estudos Filosóficos
Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Metrô Brigadeiro
04003-010 - São Paulo - SP - Fone (011) 288.7356 e 283.0867

ECOLOGIA PROFUNDA

Um novo Renascimento

Só uma mudança radical na percepção dos males planetários, acima de diferenças sociais, culturais e raciais, pode garantir a vida das gerações futuras em um mundo sustentável.

FRITJOF CAPRA

Hoje, a maioria das pessoas concorda em que os anos 90 constituem uma década crítica. A sobrevivência da humanidade e do planeta está em risco. Os anos 90 representam a década do meio ambiente, não porque nós decidimos assim, mas por causa de acontecimentos que quase fogem do nosso controle. A preocupação com o meio ambiente não é mais uma entre muitas questões; ela é o contexto de tudo mais – nossas vidas, nosso trabalho e nossa política.

Hoje estamos diante de uma série de problemas globais que prejudicam a biosfera e a vida humana de maneiras tão alarmantes que logo podem se tornar irreversíveis. Temos vasta documentação sobre a extensão e significado desses problemas. Uma das melhores fontes é a série de relatórios anuais *State of the World* [Situação do Mundo], publicada pelo Worldwatch Institute [Instituto de Vigilância Mundial].



Pintura de Ada Britto

Enquanto o Terceiro Mundo estiver sobrecarregado de dívidas, a extinção de espécies continuará.

Na avaliação da "saúde ambiental" do planeta, esses relatórios observaram as mesmas tendências alarmantes ano após ano. As florestas do mundo estão desaparecendo enquanto seus desertos se expandem. A camada superior do solo das terras cultiváveis está diminuindo enquanto a camada de ozônio, que nos protege dos nocivos raios ultravioletas, é destruída. A concentração de gases retentores de calor na atmosfera está aumentando enquanto o número de espécies de plantas e animais diminui. A população mundial continua crescendo. A diferença entre ricos e pobres também.

Quanto mais observamos os grandes problemas de nosso tempo, mais percebemos que não podem ser entendidos isoladamente. São problemas sistêmicos – inter-relacionados e interdependentes. Estabilizar a população do mundo só será possível quando a pobreza for mundialmente reduzida. A extinção de espécies animais e vegetais continuará em escala maciça enquanto o Terceiro Mundo estiver sobrecarregado de dívidas. Somente interrompendo a escalada armamentista teremos recursos para evitar os numerosos impactos destrutivos sobre a biosfera e a vida humana.

Quanto mais se observa a situação, mais se percebe que, em última instância, tais problemas são apenas diferentes facetas de uma única grande crise, que é, em essência, uma crise de percepção. Ela resulta do fato de a maioria de nós e, especialmente, nossas grandes instituições sociais, adotarmos conceitos de uma visão de mundo ultrapassada: uma percepção da realidade

inadequada para lidar com nosso mundo atual, superpovoado e globalmente inter-relacionado.

Ao mesmo tempo, pesquisadores da ciência mais avançada, vários movimentos sociais e numerosas redes alternativas estão desenvolvendo uma nova visão da realidade, que constituirá a base de tecnologias, sistemas econômicos e instituições sociais futuros.

De maneira que estamos no começo de uma transformação fundamental de visão de mundo na ciência e na sociedade; uma mudança de paradigmas tão radical quanto a revolução de Copérnico.

O paradigma que vai chegando ao fim dominou nossa cultura por vários séculos, durante os quais configurou a sociedade moderna ocidental e influenciou significativamente o resto do mundo. Esse paradigma consiste de uma série de idéias e valores, entre eles a visão do universo como um sistema mecânico composto de estruturas elementares, a visão do corpo humano como uma máquina, a visão da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência, a crença no progresso material ilimitado a ser alcançado pelo crescimento econômico e tecnológico e – por último, mas não menos importante – a crença de que uma sociedade na qual a mulher é em toda parte subordinada ao homem segue uma lei básica da natureza. Todas estas suposições têm sido categoricamente desafiadas por acontecimentos recentes. E, na verdade, elas estão passando por uma revisão radical.

Um fio na teia da vida - O novo paradigma, que pode ser chamado vi-

são holística do mundo, vê o mundo como um todo integrado e não como uma reunião de partes dissociadas. Também pode ser chamado visão ecológica, se o termo "ecológico" for usado em sentido muito mais amplo e profundo que o habitual.

Este sentido mais amplo e profundo do "ecológico" está associado a uma escola filosófica específica e, além do mais, a um movimento global radical, conhecido como "ecologia profunda", que vai rapidamente ganhando destaque. A escola filosófica, fundada pelo filósofo norueguês Arne Naess no início dos anos 70, distingue ambientalismo superficial de ecologia profunda. Esta distinção hoje é largamente aceita como terminologia útil para referir-se à grande divisão dentro do pensamento ecológico contemporâneo.

O ambientalismo superficial é antropocêntrico. Vê o homem acima ou fora da natureza, como fonte de todo valor, e atribui à natureza apenas um valor instrumental ou de uso. A ecologia profunda não separa do ambiente natural o ser humano nem qualquer outro ser. Não vê o mundo como um aglomerado de objetos isolados, e sim como uma teia de fenômenos essencialmente inter-relacionados e interdependentes. A ecologia profunda reconhece os valores intrínsecos de todos os seres vivos e vê os seres humanos como apenas um fio particular na teia da vida. Ela reconhece que estamos todos inseridos nos processos cíclicos da natureza e, em última instância, somos dependentes deles.

Finalmente, a consciência ecológica profunda é espiritual ou religiosa. Uma vez que o conceito de

O ambientalismo superficial é antropocêntrico. Atribui apenas valor de uso à natureza.

espírito humano é entendido como o modo de consciência no qual o indivíduo sente-se conectado com o cosmos enquanto um todo, torna-se claro que a consciência ecológica é espiritual em sua essência mais profunda. Não surpreende, portanto, que a nova visão emergente da realidade, baseada na consciência ecológica profunda, seja coerente com a chamada "filosofia perene" das tradições espirituais – quer estejamos nos referindo à espiritualidade dos místicos cristãos, dos budistas, ou à filosofia e cosmologia subjacentes às tradições dos nativos americanos.

A teoria científica dos sistemas vivos, que se originou da cibernética na década de 1940, mas que emergiu por completo apenas nos últimos vinte anos mais ou menos, fornece a formulação científica mais apropriada de ecologia profunda, ou paradigma ecológico.

A teoria dos sistemas vivos vê o mundo em termos de relações e integração. Sistemas vivos são conjuntos integrados, cujas propriedades não podem ser reduzidas às das unidades menores. Exemplos de sistemas abundam na natureza. Cada organismo – da menor bactéria, passando pela vasta série de plantas e animais, até os seres humanos – é um todo integrado e, conseqüentemente, um sistema vivo. Células são sistemas vivos, como também o são os vários tecidos e órgãos do corpo: o cérebro humano é o exemplo mais complexo. Mas os sistemas não se restringem a organismos individuais e suas partes. Os mesmos aspectos de totalidade são exibidos pelos sistemas sociais – como a família ou a comunidade – e por ecossiste-

mas que consistem de uma variedade de organismos e matéria inanimada em mútua interação.

Todos esses sistemas naturais constituem totalidades cujas estruturas específicas surgem das interações e interdependência de suas partes. As propriedades do sistema são destruídas quando ele é dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados. Embora possamos discernir as partes individuais em cada sistema, a natureza do todo é sempre diferente da mera soma de suas partes. Por

A CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA PROFUNDA É ESPIRITUAL OU RELIGIOSA

isso, a abordagem dos sistemas não se concentra em blocos isolados, mas sobretudo nos princípios básicos de organização.

Mudando para a integração – Como os sistemas vivos cobrem uma ampla série de fenômenos – organismos individuais, sistemas sociais e ecossistemas – a teoria fornece uma estrutura e uma linguagem comuns para a biologia, a psicologia, a medicina, a economia e muitas outras ciências; uma estru-

tura na qual a tão urgente perspectiva ecológica está explicitamente manifesta.

Uma propriedade notável dos sistemas vivos é a tendência a formarem estruturas de múltiplos níveis dentro dos sistemas. Cada uma delas forma um todo com relação a suas partes e ao mesmo tempo é parte de um todo maior. Assim, células combinam-se para formar tecidos, tecidos para formar órgãos e órgãos para formar organismos. Estes, por sua vez, existem dentro de sistemas sociais e ecossistemas. Por todo o mundo vivo, encontramos sistemas vivos residindo em outros sistemas vivos. Uma das grandes vantagens da abordagem dos sistemas é o fato de os mesmos conceitos poderem ser aplicados em diferentes níveis de sistemas, o que, com freqüência, leva a importantes insights.

Até aqui, enfatizei as percepções e o pensamento. Mas a ecologia profunda requer não apenas uma mudança em nossas percepções e maneiras de pensar. Ela também pede uma mudança correspondente em nossos valores.

E aqui é importante notar a impressionante relação entre a mudança de pensamento e a de valores. Ambas podem ser vistas como a passagem da auto-afirmação para a integração. Essas duas tendências – a de auto-afirmação e a de integração – constituem aspectos essenciais de todos os sistemas vivos. Nenhuma das duas é intrinsecamente boa ou má. O que é bom, ou saudável, é um equilíbrio dinâmico; o que é mau, ou não saudável, é o desequilíbrio, a ênfase exagerada em uma tendência e negligência de outra. No antigo para-

A ecologia profunda baseia-se em valores ecocêntricos, isto é, centrados na terra.

digma, enfatizamos exageradamente os valores e modos de pensar auto-afirmativos e negligenciamos seus correspondentes integrativos. Existem diferenças de cultura para cultura; contudo, o que estou sugerindo não é a substituição de um modo por outro, e sim o estabelecimento de um melhor equilíbrio entre os dois.

Tendo isso em mente, vamos examinar as várias manifestações da passagem da auto-afirmação para a integração. No que concerne ao pensamento, estamos nos referindo à passagem do pensamento racional para o intuitivo, da análise para a síntese, do reducionismo para o holismo, do pensamento linear para o não-linear.

No que concerne aos valores, estamos observando uma transição correspondente da competição para a cooperação, da expansão para a conservação, da quantidade para a qualidade, da dominação para a parceria.

Pode-se notar que os valores auto-afirmativos – competição, expansão, dominação – estão em geral relacionados com os homens. De fato, na sociedade patriarcal, eles não são apenas privilegiados, mas têm também recompensas econômicas e poder político. Essa é uma das razões pela qual a mudança para um sistema de valores mais equilibrado é tão difícil para a maioria das pessoas e, sobretudo, para a maioria dos homens. Essa é também a razão de uma aproximação natural entre a ecologia e o feminismo, conforme expresso no ecofeminismo.

Oikos, nosso Lar Terreno - Toda a questão dos valores é crucial para a

ecologia profunda; ela é, de fato, a característica central que a define. Enquanto todo o velho paradigma, incluindo o ambientalismo superficial, está baseado em valores antropocêntricos (isto é, centrados no homem), a ecologia profunda baseia-se em valores ecocêntricos (isto é, centrados na terra). É uma visão de mundo que reconhece o valor inerente da vida não-humana. Todos os seres humanos são membros de *Oikos*, o Lar Terreno; a comunidade une-se numa rede de interdependências. Quando essa

A ÉTICA ECOLÓGICA PROFUNDA É URGENTE NA CIÊNCIA

profunda percepção ecológica se tornar parte de nossa consciência cotidiana, um sistema ético radicalmente novo emergirá.

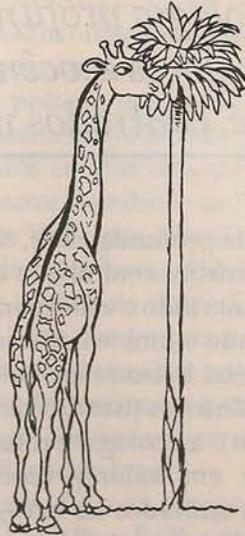
Tal ética ecológica profunda faz-se urgente hoje, especialmente na ciência, já que a maior parte do que os cientistas estão fazendo não é no sentido de promover e preservar a vida, mas de destruí-la. Com físicos criando sistemas armamentistas que ameaçam varrer a vida do planeta, químicos contaminando o meio ambiente, biólogos criando

novos e desconhecidos tipos de microorganismos sem saberem as conseqüências, psicólogos e outros cientistas torturando animais em nome do progresso científico – com todas essas atividades em andamento, revela-se urgentíssimo introduzir padrões éticos na ciência moderna.

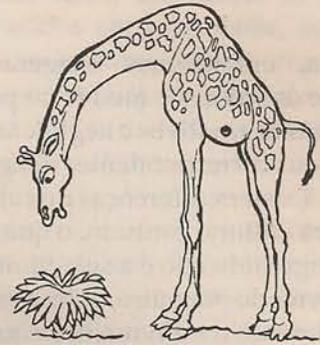
Em geral, em nossa cultura não se reconhece que os valores não são periféricos à ciência e tecnologia, mas constituem sua própria base e força propulsora. Durante a revolução científica do século XVII, os valores eram considerados separados dos fatos e desde essa época tendemos a acreditar que os fatos científicos são independentes do que fazemos e, portanto, independentes de nossos valores. Na realidade, os fatos científicos emergem de toda uma constelação de percepções, ações e valores humanos – em uma palavra, de um paradigma – dos quais não podem ser separados. Embora grande parte da pesquisa específica possa não depender explicitamente do sistema de valores do cientista, o paradigma maior dentro do qual a pesquisa é realizada jamais será isento de valores. Os cientistas, portanto, são responsáveis por suas pesquisas, não apenas do ponto de vista intelectual, mas também moral.

Por fim, a visão de que os valores são inerentes a toda natureza viva está fundada na experiência ecológica profunda, ou espiritual, de que a natureza e o eu são um só. Essa expansão do eu até chegar à identificação com a natureza é o fundamento da ecologia profunda, conforme reconheceu claramente Arne Naess: "O cuidado ocorre naturalmente se o eu se expandir e

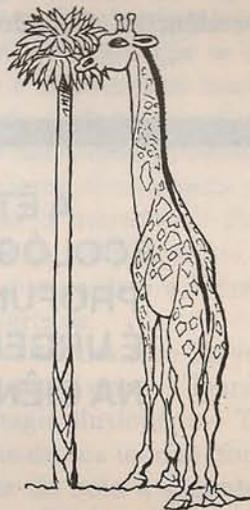
Do livro *Natureza e Espírito*,
de Gregory Bateson, Publicações
Don Quixote, Lisboa, 1987.



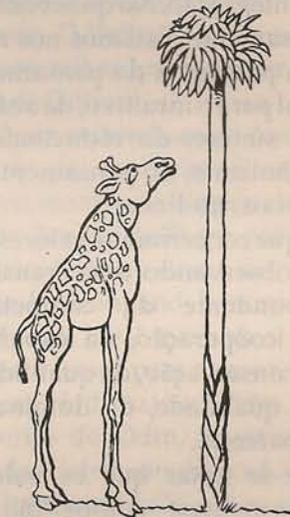
"Diga-me papai, porque é que as palmeiras
são tão altas?"
"É para as girafas poderem comê-las, meu
filho, pois..."



...se as palmeiras fossem baixas, as gi-
rafas ficariam atrapalhadas."



"Mas então, papai, porque é que as girafas
têm um pescoço tão comprido?"
"É para poderem comer as palmeiras, meu
filho, pois..."



... se os pescoços das girafas fossem
curtos, elas ficariam ainda mais atra-
palhadas."

aprofundar de maneira que a pro-
teção da Natureza seja sentida e
concebida como proteção a nós
mesmos... Da mesma forma que
não precisamos de nenhuma moral
para respirar (...), se o seu eu, no
sentido amplo, abraçar outro ser
humano, você não precisará de ne-
nhuma exortação moral para de-

monstrar cuidado... Você o fará por
você mesmo, sem sentir qualquer
pressão moral para fazê-lo... Se a
realidade for como é experienciada
pelo eu ecológico, nosso comporta-
mento seguirá de maneira natural
e graciosa as normas estritas da éti-
ca ecológica".

O que isso implica é que a cone-

xão entre a *percepção* ecológica do
mundo e o correspondente *compor-
tamento* não é uma conexão lógica,
mas psicológica. A lógica não nos
conduz do fato de sermos parte in-
tegrante da teia da vida até certas
normas de como deveríamos viver.
Entretanto, se tivermos uma consi-
ciência ecológica profunda, ou ex-

periência, de sermos parte da teia da vida, então *seremos* (em vez de *deveríamos ser*) propensos a cuidar de toda a natureza viva. Na verdade, dificilmente podemos deixar de responder dessa maneira.

Surge o novo paradigma - Vou agora falar de outro modo pelo qual Arne Naess caracterizou a ecologia profunda. "A essência da ecologia profunda", diz ele, "é colocar questões mais profundas. Esta é também a essência da mudança de paradigma. É preciso estar preparado para questionar todos os aspectos do velho paradigma. Possivelmente, não será necessário descartar-se de tudo, mas, antes, saber que se precisa estar disposto a questionar tudo. Portanto, a ecologia profunda coloca questões medulares a respeito dos próprios fundamentos de nossa visão de mundo e nosso modo de vida - modernos, científicos, industriais, voltados para o progresso e materialistas. Ela questiona todo esse paradigma de uma perspectiva ecológica; da perspectiva de nossas relações uns com os outros, com as gerações futuras e com a teia da vida da qual fazemos parte."

Uma das áreas mais importantes para ilustrar esta questão é a dos negócios e da economia. Hoje, o contexto ecológico está se tornando cada vez mais fundamental para os negócios e para a administração; uma das mais importantes tarefas será abandonar a busca cega de crescimento irrestrito. O crescimento é a principal força propulsora das atuais políticas econômicas e atividades empresariais e, tragicamente, é também a principal força propulsora

da destruição ambiental do planeta.

O crescimento, é óbvio, é próprio da vida. Entretanto, no mundo vivo ele não tem significado quantitativo, mas qualitativo. Para o ser humano, por exemplo, crescer significa desenvolver-se em direção à maturidade, não apenas aumentando de tamanho, mas também qualitativamente, pelo crescimento interior. O mesmo vale para todos os sistemas vivos. O conceito de crescimento desses sistemas é qualitativo e multidimensional.

Dar qualidade ao crescimento econômico significa estabelecer critérios de crescimento aceitável e inaceitável. Nos últimos anos, o desenvolvimento sustentável surgiu como um critério central. Lester Brown, do Worldwatch Institute, que há anos vem sendo um dos principais defensores do desenvolvimento sustentável, define como sociedade sustentável aquela capaz de satisfazer suas necessidades sem reduzir as chances das futuras gerações.

Este, para mim, é o principal desafio dos anos 90: criar ambientes sociais e culturais nos quais possamos satisfazer nossas necessidades sem reduzir as chances das futuras gerações; dar qualidade ao crescimento econômico introduzindo o desenvolvimento sustentável como critério chave de todas as nossas atividades.

No Elmwood Institute, estamos empenhados em pesquisas deste tipo junto com um pequeno número de empresas pioneiras em termos ecológicos. Desenvolvemos discussões em mesas redondas, seminários e publicações dentro do que denominamos *Eco-management Program* [Programa

de Administração Ecológica].

Também aplicamos a abordagem da ecologia profunda na educação em nosso *Ecology Program* [Programa de Alfabetização Ecológica], que compreende a elaboração de um currículo escolar orientado para a ecologia, o K-12, e o desenvolvimento de cooperativas comunitárias de aprendizado.

Fazemos isso porque acreditamos que para conseguir realizar a radical mudança de percepção necessária para a sobrevivência da humanidade, numa época em que é quase tarde demais, necessitamos de uma ampla campanha pública de educação, discussão e diálogo. Esta é uma iniciativa que transcende todas as nossas diferenças raciais, culturais ou sociais. "Ecologia" é a palavra grega para designar "Lar da Terra". A Terra é nosso lar comum e criar um mundo sustentável para nossos filhos e futuras gerações é a nossa tarefa comum. ▲

A convite da Amana, o prof. Fritjof Capra visitou pela primeira vez o Brasil em outubro de 1992, quando, entre outras atividades dirigidas a executivos de empresas, realizou uma palestra focalizando o tema "Saúde e Educação", cuja primeira parte transcrevemos. Foi apresentado por Oscar Motomura, diretor do Grupo Amana-Key, que ressaltou a participação de Capra na busca de uma nova visão de mundo possibilitando não apenas a sobrevivência mas o desenvolvimento e excelência da vida como um todo.

• Para maiores informações sobre o Elmwood Institute, dirigir-se a Oscar Motomura, Amana - Desenvolvimento e Educação, Centro de Convenções do Centro Empresarial de São Paulo, Av. Maria Coelho de Aguiar, 215 - Bloco G - 2º andar - Santo Amaro - CEP 05805-000 - São Paulo - SP.

PROFECIAS E A CIÊNCIA DO CAOS

*No dia em que o pássaro de ferro voar
e os cavalos andarem sobre rodas os tibetanos
serão espalhados como formigas por todo o mundo
e o budismo chegará à terra do homem vermelho.*

Profecia de Padmasambhava, místico indiano que introduziu
o budismo no Tibete no séc. VIII.

CONRAD RICHTER

Na década de 50, mais de cem mil tibetanos espalharam-se pelo mundo em consequência da invasão do Tibete pelo exército chinês. Grandes pássaros de ferro cortam os céus há mais de 80 anos. Cavalos andam sobre rodas desde que surgiu a primeira locomotiva a vapor, em 1804. E na terra do homem vermelho, Estados Unidos e Canadá, o budismo é hoje a religião que mais cresce, expandindo-se a uma média de 7 por cento ao ano, graças a importantes lamas tibetanos que se dedicam a instruir milhares de discípulos.

Nosso fascínio pelo futuro tem raízes profundas no passado. Relatos de profetas, oráculos e videntes povoam o panorama da história e todas as grandes religiões oferecem prognósticos intrigantes do

que está por vir. Em tempos pré-históricos, as adivinhações do xamã da aldeia proporcionavam orientação e esperança a homens confusos e temerosos. Ainda hoje damos uma olhada em nosso horóscopo do dia para ter uma idéia do que vem pela frente e ficamos de olhos grudados na tevê quando os noticiários mais parecem cenas do apocalipse. A curiosidade e a insegurança nos levam a interessar-nos por tudo o que diga respeito a prognósticos.

Por um lado, com o declínio das tradições místicas e a ascensão da ciência, tendemos a encarar com ceticismo as propostas dos futurologistas. Caçamos de patéticos profetas marginais enquanto o mundo percorre o "fim catastrófico" que eles prevêm sem que quase ninguém dê por isso.

Por outro lado, para a maioria continua em aberto a possibilidade de existirem homens e mulheres com poderes especiais para profetizar, embora não saibamos distingui-los de malucos e oportunistas. As profecias registradas através dos tempos realizaram-se com frequência suficiente para que nos inclinemos a aceitar o fato como um mistério, inacessível à atual pesquisa científica.

Se as profecias são possíveis, como é que os profetas as fazem? Trata-se de um mero jogo de azar no qual alguns acertam por pura sorte e a maioria erra? Ou seria uma capacidade adquirida por uns poucos sábios, os quais aprenderam a dominar técnicas que a ciência um dia poderá compreender?

Nos últimos anos, surgiu um novo campo da ciência capaz de

lançar alguma luz sobre essas questões. É a ciência do caos. O caos está mudando a maneira de os cientistas pensarem o futuro. Ele oferece a possibilidade de preencher a lacuna entre as duas visões de mundo predominantes – e muito divergentes: a da mecânica clássica de Newton e a da mecânica quântica.

Newton e a visão quântica - A maçã que caiu da árvore e bateu no físico britânico Isaac Newton trouxe-lhe a idéia de suas famosas leis do movimento, publicadas em 1687. A Primeira Lei do Movimento de Newton diz que um objeto se move a uma velocidade constante ou permanece estacionário se não estiver sujeito a uma força. A gravidade foi a força que acelerou a maçã em sua queda até ela bater na cabeça de Newton.

As leis clássicas do movimento de Newton constituíram uma enorme conquista intelectual. Elas proporcionaram os meios para computar os movimentos de um objeto no passado ou no futuro desde que se conheçam no mínimo três fatores: o *momentum* (cinética) do objeto, sua posição e a força atuante sobre ele. O alcance das idéias de Newton levou rapidamente ao aperfeiçoamento balístico na guerra, entre outras revoluções que acompanharam o alvorecer da era industrial.

A visão newtoniana sugere que o mundo funciona de maneira ordenada, determinista. Alguns dados do presente podem fornecer informações exatas sobre o futuro. Basta introduzir os dados num computador para obter uma previsão exata. Aquilo que hoje não con-

seguimos prever com êxito indica apenas que nossos dados são insuficientes e que apesar desses eventos imprevisíveis serem chamados "fortuitos", inerentemente, não o são: de acordo com a visão newtoniana todos os eventos são, em última análise, previsíveis. A questão está em descobrir todos os dados relevantes, até sobre as menores partículas que formam os objetos. O marquês Pierre Simon de Laplace, astrônomo e matemático do século XVIII, profundamente influenciado pela obra de Newton, sugeriu que a inteligência suprema é essencialmente igual a um gigantesco computador que "abarcaria na mesma fórmula os movimentos dos maiores corpos do universo e os do átomo mais leve; para ele, nada seria incerto e o futuro, como o passado, estaria presente diante de sua visão".

Nas primeiras décadas deste século, observou-se que os elétrons em órbita em torno do núcleo dos átomos não seguem as leis clássicas do movimento. A famosa equação de onda de Erwin Schrödinger constituiu uma ruptura radical com as idéias de Newton, uma vez que manipula probabilidades e não quantidades físicas factuais como posição e cinética. A equação apenas indica a probabilidade de um elétron ser encontrado em uma determinada posição em determinado momento, mas nada diz de como o elétron se move de uma posição para outra em órbita. Albert Einstein opôs-se com veemência a essa teoria quântica, porque ela desafiava as noções comuns de causalidade resultantes da experiência cotidiana: a causalidade era vista como estatística e não, conforme a

visão newtoniana, como determinista. No nível dos elétrons, A não causa B que causa C e sim a probabilidade de A "causa" a probabilidade de B que "causa" a probabilidade de C.

A teoria básica continua válida. A mecânica newtoniana clássica é um caso especial da teoria quântica. Ela descreve adequadamente (mas só de maneira aproximada) os fenômenos que ocorrem nas amplas escalas da existência humana cotidiana. Nas escalas muito menores dos átomos e elétrons, as leis clássicas não se aplicam; no lugar delas é preciso usar a teoria quântica. Isso implica que o mundo está organizado em campos de probabilidades e quaisquer profecias sobre o futuro têm que ser basicamente estatísticas.

A imagem do caos - Na década de 60, o meteorologista norte-americano Edward Lorenz fez um experimento com um modelo computadorizado simplificado das condições meteorológicas, envolvendo apenas três equações matemáticas não-lineares, e descobriu resultados muito complexos e inesperados. Os resultados revelaram padrões, mas tais padrões jamais se repetiam exatamente da mesma forma – sempre se alteravam de modos aparentemente fortuitos. Vez ou outra aparecia uma mudança mais significativa no padrão. Mas quando e com que relevância ocorria essa mudança, também era aparentemente fortuito. Esse tipo de ocorrência fortuita foi chamada "caos determinista", para distingui-lo do comportamento meramente fortuito em que estamos acostumados a pensar. Ele é deter-

O profeta é alguém capacitado, que soma dois mais dois para fazer previsões que provavelmente ocorrerão?

ministra porque suas origens podem ser traçadas por cálculos exatos, construídos uns sobre os outros, enquanto o comportamento meramente fortuito é estatístico, com muitas causas desconhecidas e desconexas.

Uma característica do modelo de Lorenz era sua sensível dependência dos dados iniciais no começo de um experimento computadorizado. Isso significa que, comparando-se os resultados da execução do modelo com outros em que os valores iniciais sejam levemente diferentes, os resultados diferirão rapidamente até não restar nenhuma semelhança. A velocidade da divergência chocou Lorenz e colocou questões difíceis sobre as limitações da previsão do tempo. Se medições meteorológicas como temperatura, pressão atmosférica e velocidade do vento costumam ser exatas apenas até dois ou três dígitos, quer dizer que um modelo computadorizado, não importa quão correto, jamais será capaz de prever o tempo além de uns poucos dias.

Dessa forma surgiu a ciência da dinâmica caótica ou, simplesmente, a ciência do caos. Em breve, perceberam-se ondas de choque em virtualmente todas as áreas do empreendimento humano, da matemática e da física à biologia, à medicina e à economia. Descobriu-se que as condições meteorológicas, o clima, a bolsa de valores e as órbitas planetárias tinham um comportamento caótico. O ataque de arritmia cardíaca, o ataque epilético e os efeitos psicoativos de drogas sobre as ondas cerebrais hoje estão sendo estudados em termos de dinâmica caótica. No tratamento de algumas

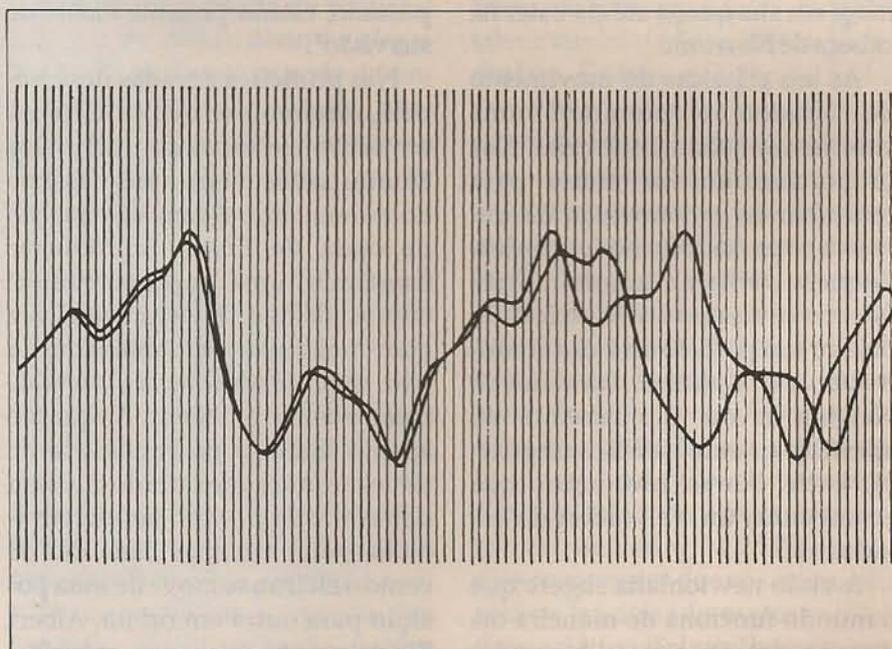
doenças, a antiga visão de relações *lineares* entre a dose de droga e a resposta pode ter de ceder lugar à nova visão *não-linear* da dinâmica caótica.

A dinâmica caótica acaba então com todas as possibilidades de profetizar?

Falando das futuras implicações de seu modelo computadorizado para a previsão do tempo, Lorenz disse: "Certamente, não havíamos sido bem-sucedidos quando fazíamos isso de qualquer jeito. Agora, tínhamos uma desculpa". Mas, apesar da dificuldade em prever as temperaturas para daqui a uma semana, em certa medida padrões climáticos são previsíveis a

longo prazo. Durante milênios, agricultores souberam quando plantar e quando colher, guiados por indicações gerais, como as estações e as fases da lua, ou particulares, como o aparecimento de aves migratórias ou o desabrochar de botões nas plantas. Na bolsa de valores, os investidores mais sofisticados podem ter dificuldade em prever a tendência da semana, mas sabem que os mercados se movimentam em ciclos flutuantes de cerca de quatro anos. Assim, investindo criteriosamente podem lucrar a longo prazo.

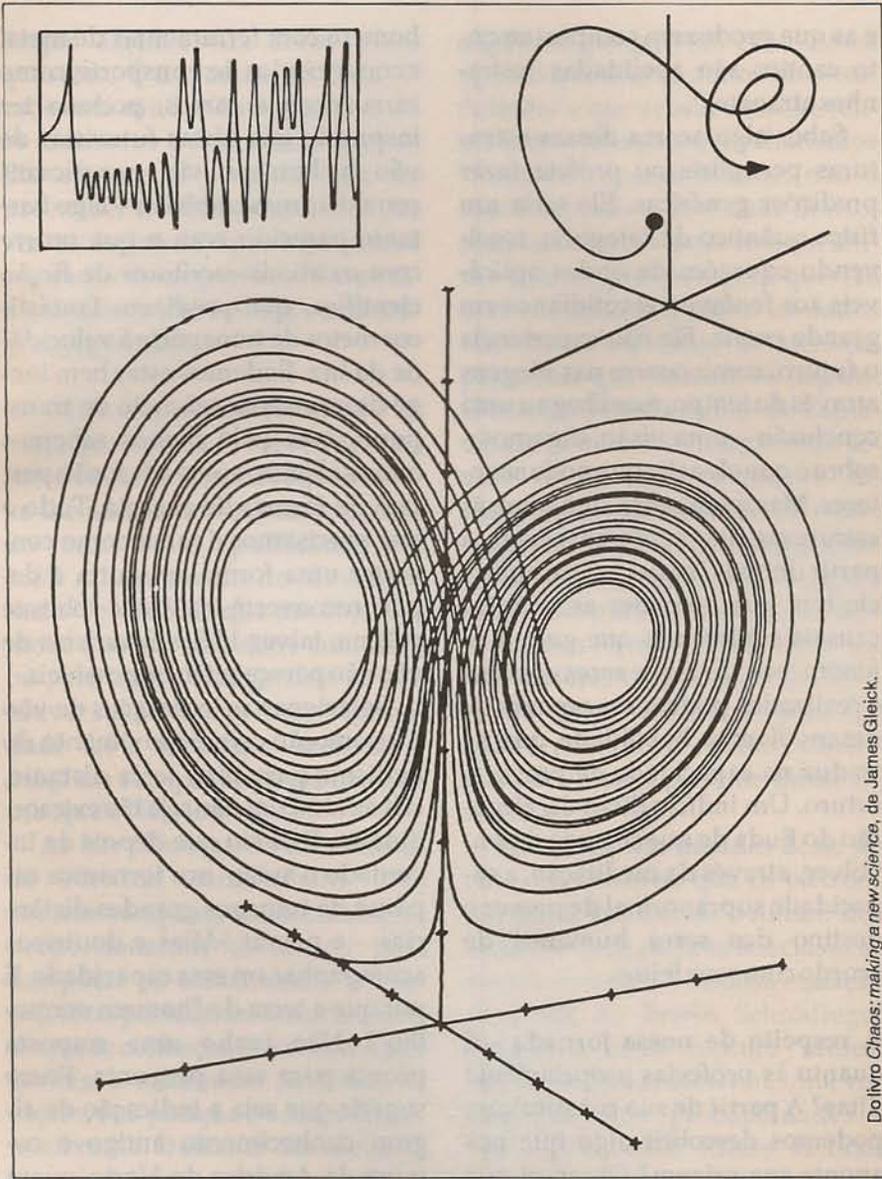
O futuro das previsões - Mas é isso mesmo que entendemos por profe-



Diferença entre dois padrões climáticos

Partindo praticamente do mesmo ponto, Edward Lorenz observou seu computador produzir padrões climáticos que se distanciavam até o desaparecimento de qualquer semelhança. (Gráficos de Lorenz de 1961)

*Ou o profeta experiencia mesmo
o futuro em uma visão,
como se viajasse através do tempo?*



Do livro *Chaos: making a new science*, de James Gleick.

O atrante de Lorenz

Esta imagem mágica semelhante à máscara de uma coruja ou às asas de borboleta, tornou-se o emblema para os primeiros exploradores do caos. Revela a delicada estrutura escondida no fluxo de dados desordenado. Tradicionalmente, os valores mutáveis de qualquer variável poderiam ser apresentados num esquema série de variável-tempo (no alto). Mostrar as mudanças no relacionamento entre três variáveis exigiu uma técnica diferente. A qualquer momento no tempo, as três variáveis fixam o local de um ponto no espaço tridimensional; à medida que o sistema se modifica, o movimento do ponto representa as variáveis em constante mutação. Sendo que o sistema nunca se repete de maneira exata, a sua trajetória nunca se cruza. Em vez disso, volteia eternamente. O movimento no atrante é abstrato; transmite porém a idéia do movimento do sistema real. Por exemplo, a passagem de uma "asa" a outra do atrante corresponde a uma reversão na direção do giro da roda d'água ou de fluido em convecção.

cia? O profeta é alguém simplesmente capacitado, que soma dois mais dois para fazer previsões que provavelmente ocorrerão, embora com um resíduo de incerteza? Ou ele *experiencia* realmente o futuro em uma visão, como se estivesse viajando através do tempo? Suas profecias não são, em absoluto, previsões, mas sim fatos esperando para acontecer?

Segundo a literatura budista sobre a natureza da mente, qualquer um pode ter poderes especiais de clarividência, embora as práticas de meditação possam revelar e intensificar tais poderes. As religiões narram com freqüência visões que transformam a vida dos santos. Mas, se consistem em experiências diretas do futuro ou em visões que, como os sonhos, são provocadas pelo fluxo mental da pessoa, isso não se sabe. Supondo que muitos fenômenos que experienciamos estejam conectados de maneira causal, não-linear, a teoria do caos infere que uma experiência direta do futuro requer o conhecimento preciso de tudo sobre o presente, com pouco espaço para o erro. Os seres oniscientes supremos, por definição, têm essa capacidade. Os profetas não. Alguns profetas, como Moisés, atribuem sua informação a visões recebidas do ser supremo que, presume-se, já tinha arquitetado o futuro com base no perfeito conhecimento do presente.

Se seres comuns e realizados podem desenvolver a clarividência sem contarem com o mesmo conhecimento perfeito dos seres supremos, como isso se enquadra na teoria do caos? A resposta poderia resultar da idéia de que nem todos os fenômenos são, de fato, possí-

veis em uma situação dada – alguns fenômenos nunca ocorrem em certas situações, não porque sejam teoricamente impossíveis, mas porque os próprios fenômenos e suas interações impõem limites à série de fenômenos que deles resulta. Imagine-se uma caixa em que cada ponto no espaço represente um modo possível de um fenômeno ocorrer. A seguir, a caixa reduz-se a um volume menor, com uma série, correspondentemente

SERES COMUNS E REALIZADOS PODEM PREVER O FUTURO

menor, de resultados agora possíveis. A caixa também muda de forma, com complicadas dobras e superfícies. Tal sistema, com uma série reduzida e deturpada de efeitos, é chamado "estrutura dissipável" e deve sua gênese somente às forças internas de interação entre os fenômenos: não tem absolutamente nada a ver com influências externas do meio ou mesmo de um ser supremo superior. Na linguagem da dinâmica caótica essas estruturas são chamadas "atraentes"

e as que produzem comportamento caótico são apelidadas "atraentes".

Saber algo acerca dessas estruturas permitiria ao profeta fazer previsões genéricas. Ele seria um físico quântico da categoria, resolvendo equações de ondas aplicáveis aos fenômenos cotidianos em grande escala. Ele não experiencia o futuro, como ocorre nas viagens através do tempo, mas chega a uma conclusão – uma visão, digamos – sobre o que ele acha que pode acontecer. Mas, para saber algo sobre as estruturas que se desenvolvem a partir de suas "equações de onda", ele tem que entender as relações causais subjacentes que geram os fenômenos. Aí é que seres comuns e realizados podem ser capazes de desenvolver a habilidade que se traduz na capacidade de prever o futuro. Um indício disso é a alegação do Buda de que se pode desenvolver, através da meditação, a capacidade supranormal de prever o destino dos seres humanos de acordo com seus feitos.

A respeito de nossa jornada - E quanto às profecias propriamente ditas? A partir de sua constituição, podemos descobrir algo que nos aponte sua origem? Observei que muitas profecias não especificam datas ou lugares. Expressa frequentemente em linguagem simbólica, uma predição é relacionada com algum marco – um evento, cenário ou seqüência de eventos. No exemplo citado no início, parece extraordinário que um místico do século VIII fale de um "pássaro de ferro". Mas especulações sobre voo podem não ter sido algo tão excepcional. A longa familiaridade do

homem com ferramentas de metal e com veículos de transporte, como carruagens e carros, poderia ter inspirado tais idéias futuristas de voo a homens tão perspicazes como Padmasambhava – algo bastante parecido com o que ocorre com os atuais escritores de ficção científica, que predizem fantásticos meios de transporte à velocidade da luz. Podemos estar bem longe de consumir tal meio de transporte, mas pelo menos sabemos que os objetos, como a luz, não passam de formas de energia. Tudo o que precisamos é saber como converter uma forma em outra e depois reconvertê-la. Vistas sob este prisma, talvez idéias futuristas de voo não pareçam tão impossíveis.

Relacionar as indicações de voo e locomoção com o movimento do budismo para uma terra distante, talvez também não seja tão extraordinário. É óbvio que depois de inventado o avião nos tornamos capazes de transpor grandes distâncias – e nossas idéias e doutrinas acompanharam essa capacidade. E por que a terra do "homem vermelho"? Não tenho uma resposta pronta para essa pergunta. Posso sugerir que seja a indicação de algum conhecimento antigo e comum da América do Norte, quem sabe sobrevivendo em velhos mitos, passados de geração para geração. Os asiáticos atravessaram o Estreito de Bering há 25.000 anos e ecos recorrentes de suas migrações podem ter deixado marcas no folclore asiático. Talvez "homem vermelho" não se refira aos ameríndios, mas a caucasianos queimados de sol! A "terra do homem vermelho" poderia significar a Europa com seu legado – a civilização oci-

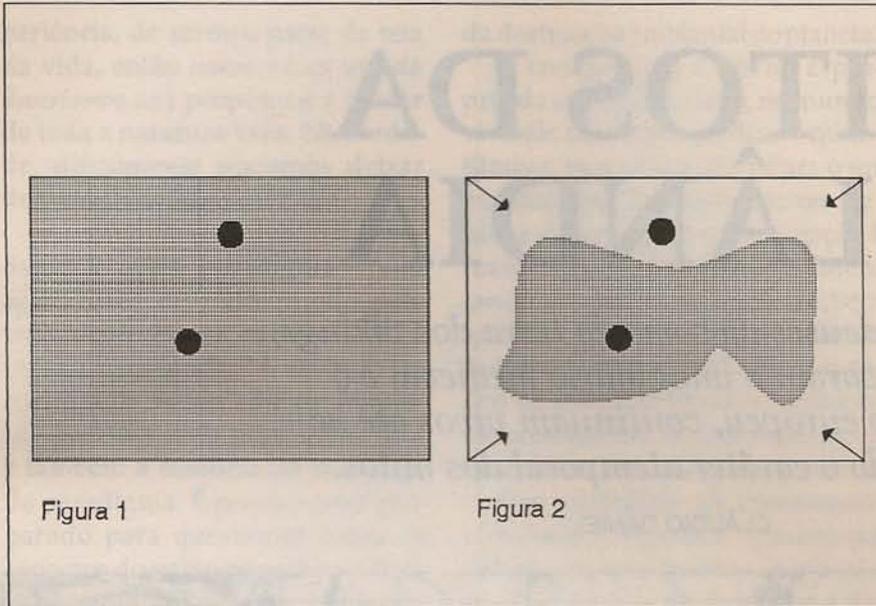


Figura 1

Figura 2

dental. Certamente, houve muito contato, desde tempos antigos, entre a Europa e a Índia. O exemplo mais significativo talvez seja a campanha expansionista de Alexandre o Grande, que se deteve no subcontinente indiano depois da tentativa fracassada de subjugá-lo.

Você poderá inventar explicações semelhantes para o resto da profecia de Padmasambhava. O exemplo ilustra que a profecia, mais do que uma questão de resolver uma seqüência newtoniana linear, é algo próximo de uma causalidade quântica, onde se manipulam probabilidades numa equação de onda de causa e efeito. Essas probabilidades são refreadas por estruturas que governam e limitam os fenômenos que levam ao evento profetizado. O profeta conhece bem essas estruturas – mesmo que seja só subconscientemente – e chega a uma visão do que está por vir. Já que as estruturas possuem características nítidas que ele pode apontar, o profeta consegue

prever o que resulta de tais sinais, na medida em que a história, inevitavelmente, avança.

Profetas como Padmasambhava, João Evangelista, Nostradamus e o Buda Sakyamuni sem dúvida conheciam a estrutura da mente e da natureza humana. Eles foram capazes de ver como o homem e sua sociedade, dada sua índole, prosseguiriam em sua jornada. Nós também podemos prever o futuro:

Um atraente dissipável

Figura 1: todas as maneiras teoricamente possíveis de um evento ocorrer.

Figura 2: série reduzida de eventos possíveis. Fora da área sombreada jamais ocorrem pontos porque a estrutura atrai todas as trajetórias (seqüências de eventos) para dentro da área sombreada.

A estrutura comprimida é o único resultado das relações internas entre os elementos que participam dos eventos – não há forças externas atuando sobre o sistema.

podemos prever como o homem, com seu atual egoísmo e destrutividade, terá quase que passar pelo apocalipse de João Evangelista antes que uma nova era paradisíaca possa ter início neste planeta. ▲

Conrad Richter, M.Sc., atualmente preparando sua tese de doutorado na Universidade de Toronto sobre o caos na biologia.

BIBLIOGRAFIA

- Rick Fields, *How the Swans Came to the Lake, Shambhala, Boulder, USA, 1981, p. 307.*
- *Annals of the Nyingma Lineage in America, vol. I, p. 4 (1947?).*
- E. Obermiller (trad.), *The History of Buddhism by Bu-ston, Part II, The History of Buddhism in India and Tibet (Heidelberg: Suzuki Research Foundation, 1932), p. 105.*
- Emma McCloy Layman, *Buddhism in America, Nelson-Hall, Chicago, 1976, p. 14.*
- Suwanda H.J. Sugunasari, *Buddhism in Metropolitan Toronto: A Preliminary Overview, Canadian Ethnic Studies, XXI, 2, (1989), pp. 83-103.*
- *Statistics Canada, Canada Yearbook 1988, Minister of Supply and Services, Ottawa, 1987.*
- *US Bureau of the Census, Statistical Abstract of the United States: 1990, Washington, 1990, p. 55.*
- Marquis Pierre Simon de Laplace, *A Philosophical Essay on Probabilities, Dover, Nova York, 1951.*
- James Gleick, *Chaos: Making a New Science, Viking Penguin, Nova York, 1987, p. 18.*
- Lati Rinpochey, *Mind in Tibetan Buddhism, Snow Lion Publications, Ithaca, NY, 1980, pp. 19, 71-72.*
- Nyanaponika Thera, *The Heart of Buddhist Meditation, Rider, London, 1983, p. 164.*

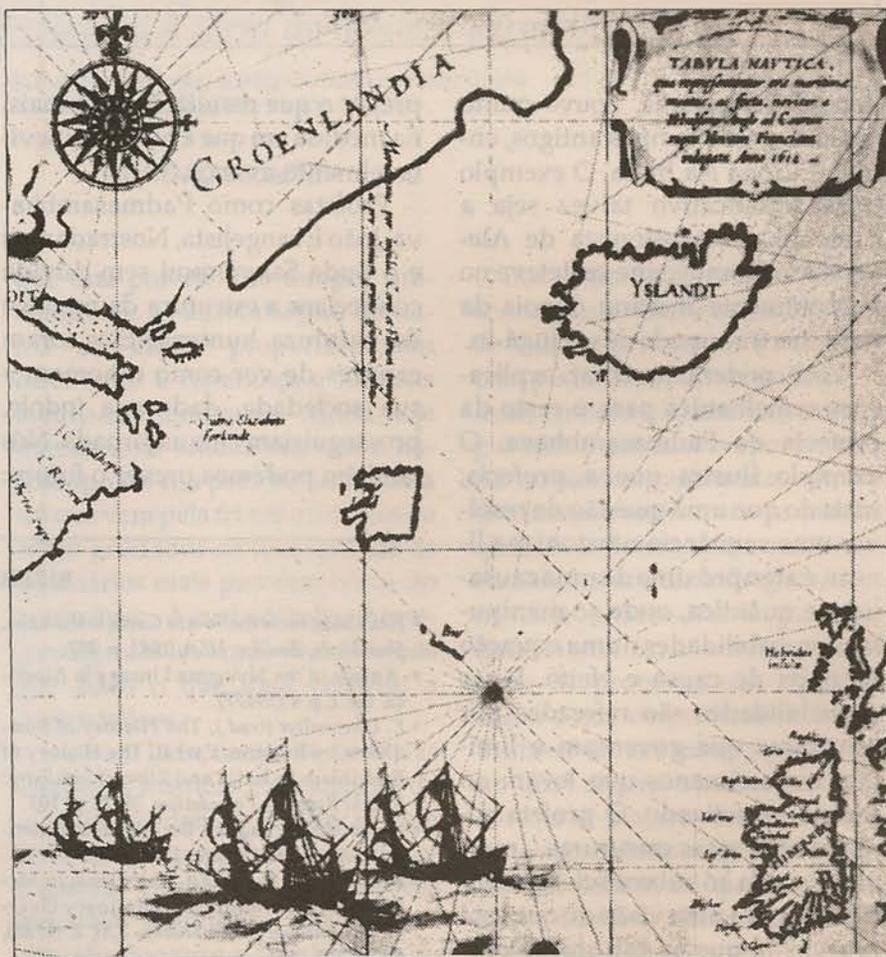
MITOS DA ISLÂNDIA

Símbolos e deuses da sombria terra dos vikings, que povoaram o imaginário medieval e o romantismo europeu, continuam vivos até hoje, atestando o caráter atemporal dos mitos.

CLÁUDIO DANIEL

A Islândia, ilha do Atlântico Norte a 290 quilômetros da Groenlândia, é uma terra de rara beleza, cujas geleiras e fiordes lhe valeram o epíteto de "país do gelo". Foi colonizada por imigrantes noruegueses que ali se instalaram entre 874 e 930 d.C., para escapar às lutas conseqüentes da unificação da Noruega pelo rei Harold, o da Formosa Cabeleira. Os noruegueses criaram na Islândia uma espécie de república independente com uma assembléia geral, o Áltíng.

No ano 1000 a Islândia converteu-se oficialmente ao cristianismo. A transição religiosa trouxe consigo o alfabeto latino, muito mais flexível que o rúnico, de caráter mágico, usado em breves inscrições, conhecido pelos sacerdotes que o utilizavam em oráculos e na magia (*runa* vem da raiz *ru*, de origem indo-ariana e significa *mistério*). Do século XII ao século XV houve um florescimento cultural na ilha. As lendas épicas e mitológicas da era pré-cristã foram então registradas nos poemas clássicos reunidos no Eda Maior ou Eda Versa.



Mapa do século 17: descobertas da viagem de Henry Hudson em 1610

Estes relatos, segundo os estudiosos, remontam à tradição oral dos povos germânicos da época das migrações (séculos III-V d.C.). Até hoje, o Eda, que serviu de inspiração ao compositor alemão Richard Wagner no drama musical *O Anel dos Nibelungos*, é a principal fonte de informação sobre os mitos escandinavos. Sua descoberta data de 1643, na Islândia, quando foi localizado o *Codex Regius*, pequeno caderno de 45 folhas (oito se perderam), contendo 35 cantos em verso aliterado germânico, abordando desde a Aparição do Universo até o Ocaso dos Deuses ou Ragnarök.

Os paralelos entre a tradição escandinava e a mitologia grega, a cosmogonia chinesa, os mistérios egípcios e a cabala judaica fornecem pistas importantes para o estudo comparativo das religiões e dos símbolos e para a história das mentalidades.

O ovo do mundo - *A Visão da Adivinha*, relato inicial do Eda, afirma que antes da criação do Universo por Odin havia apenas o Múspel, reino das chamas, o Niflheim, terra das neblinas, e um imenso espaço vazio chamado Ginnungagap. Ali, as emanções quentes e frias geraram um gigante, Ymir. Ele é o pai da raça dos titãs, eternos adversários de deuses e dos homens.

Ymir foi morto por Odin e seus irmãos, Vili e Vê, da família dos ases ou deuses, e seu corpo foi despedaçado: o sangue deu origem ao mar, o corpo formou a terra, os ossos geraram as montanhas, os olhos se converteram na lua e no sol. O crânio do gigante se tornou o céu no qual habitam as estrelas.

Este mito guarda uma curiosa semelhança com o de Pan-ku, da tradição chinesa, e também lembra a fragmentação de Osíris, da tradição egípcia. Ao surgimento do Universo segue-se o aparecimento da vida humana, animal e vegetal. Das pestanas do gigante, Odin cria

o Midgard, mundo no qual vivemos, e para os deuses faz surgir o Ásgard.

Os seres humanos foram criados a partir de troncos de árvores, nos quais o sopro divino incutiu vida. Ask e Embla formaram o primeiro casal. Odin ordenou a sucessão de dias e noites. A Noite era uma jovem negra, filha do gigante Narfi. Casou-se com Délling, da família dos ases, e teve um filho chamado Dia, claro e luminoso como os membros da linhagem paterna. Odin, o pai universal, tomou então a Noite e seu filho Dia e lhes deu dois cavalos, com os quais percorrem os céus ao redor da terra. A Noite monta o cavalo Hrimfaxi, cuja baba forma o orvalho que banha os campos. O Dia monta Skinfaxi, e todo o ar e a terra se iluminam com o brilho de sua crina.

O vento é provocado pelo bater das asas do gigante Hrésvelg, que tem aparência de águia e habita o extremo celeste. Rios, árvores, montes e plantas – todas as peças da criação – eram sagrados e serviam de morada aos elementais. Além dos deuses, homens e gigantes, a mitologia nórdica é pródiga em seres sobrenaturais: anões que habitam o subsolo e as rochas, elfos, ondinas, dragões e serpentes gigantescas. Os anões, sobretudo, eram valorizados por sua habilidade como artesãos de armas, jóias e objetos mágicos.

Nove mundos formavam o Universo: Ásgard, a luminosa morada dos deuses; Midgard, habitado pelos homens; Jottunheim, terra de gigantes e ogros; Niflheim, gelado país das neblinas; Múspel, mundo das chamas, governado por Surt; Hel (nome que também designa a deusa da morte, equivalente nórdica da grega Perséfone), reino dos mortos, e Utgard, pátria de gigantes, bruxas e monstros. Infelizmente, o Eda não é claro quanto aos dois outros.

Outra peça chave na cosmogonia

escandinava é o freixo sagrado Yggdrásil, a árvore cósmica, com galhos que se espalham por todo o mundo e que simboliza a harmonia universal. Junto a uma de suas raízes encontra-se o lago guardado pelo anão Mímir, cujas águas têm o dom da sabedoria. Próxima à outra raiz está a fonte de Urd, em torno da qual os deuses se reúnem em assembleias para tomar decisões.

Yggdrásil é regada com orvalho pelas três nornas – Urd, anciã que olha sempre para trás e representa o passado; Verdanti, jovem que simboliza o presente, e Skuld, figura encapuzada que traz consigo um livro fechado contendo o futuro. As nornas, filhas de Odin e da Terra, correspondem às parcas gregas que tecem os fios do destino. Há outras nornas, boas e más, que são como anjos da guarda dos homens.

AS NORNAS, FILHAS DE ODIN E DA TERRA, TECEM OS FIOS DO DESTINO.

Os deuses do Ásgard - No panteão tradicional figuram doze deuses principais: Odin, deus da sabedoria, criador do Universo e pai dos deuses; Thor, o mais valente dos ases, deus do Trovão; Balder, filho favorito de Odin, o mais pacífico e bondoso dos deuses; Niord, que comanda a marcha do vento e acalma o mar e as chamas; Frey, que governa a chuva e o brilho do sol, responsável pela fertilidade do solo; Tyr, o mais animado e atrevido dos

ases, cuja coragem é essencial às batalhas; Bragi, deus da poesia; Heimdall, guardião do Ásgard, que monta guarda na ponte do arco-íris e soará o corno Gjallarhorn no dia do Ragnarök, para avisar os deuses da invasão comandada por Surt; Loki, filho do gigante Farbauti, deus com características demoníacas. Outros deuses são Hod, Vidar e Vali.

Entre as deusas estão Frig, esposa de Odin, protetora do casamento; Idun, guardiã da arca com as maçãs de ouro que, como a ambrosia dos gregos, garantem aos deuses juventude e vida eternas; Terra, com quem Odin gerou as nornas, e valquírias. As valquírias são divindades guerreiras que acompanham todos os combates de Midgard, elegendo os heróis que merecerão ser conduzidos depois de mortos ao Valhala para ingressar no exército de Odin.

Odin é o deus da sabedoria e das artes mágicas; seu poder vem do conhecimento adquirido através do sacrifício e da renúncia. É também o pai de todas as batalhas que, montado em seu cavalo de oito patas, Sleipnir, armado com o escudo e a lança Gúngnir, rege os combates. Esposo de Frig, pai de Thor e Balder, é o soberano absoluto de deuses e homens. Sentado no trono mágico Hlidskialf, assiste aos acontecimentos nos nove mundos, governando o conjunto da criação. Ele é *turl*, o supremo sacerdote de Ásgard, o rei filósofo e guerreiro.

Conforme *Os Ditos de Har*, canto segundo do Eda Maior, formado por provérbios morais atribuídos a Odin, ele ficou suspenso na Árvore dos Mundos, empalado em sua própria lança, sem comer nem beber, por nove dias e nove noites. Este suplício iniciático auto-imposto permitiu que o deus recebesse iluminação para criar o alfabeto das runas. Outro mito, em *A Visão da Adivinha*, conta que, em troca do direito de beber das águas do

lago da sabedoria guardado por Mímir, Odin ofereceu ao anão seu olho esquerdo.

Odin possuía dois corvos, Hugin (pensamento) e Munin (memória). Todos os dias eles sobrevoavam os nove mundos e, na hora do banquete dos ases, revelavam ao amo tudo o que haviam visto e ouvido. O senhor de Ásgard, assim como o Zeus dos gregos, sabia da proximidade de seu fim e procurava por todos os meios o conhecimento que lhe permitisse evitar o trágico final dos deuses.

Thor é o deus da coragem e da força nas batalhas. É filho de Odin e Frig e mora no reino de Trudvangar com a esposa Syn e os filhos Modi e Magni. Thor possui três objetos preciosos: o martelo Miöllnir, com o qual mata gigantes no Jotunheim, evitando que se multipliquem e ameacem os homens; um cinturão de força que duplica seu poder nos combates e dois braceletes de ferro, sem os quais não pode agarrar o martelo. O Eda narra muitas de suas façanhas, em que ele é comparável a Hércules dos mitos gregos.

Em sua luta com Skrymir – gigante que vivia em Utgard, mestre em magia ilusionista – Thor deu provas de sua incrível força ao levantar do solo a gigantesca serpente de Midgard, além de provocar profundas fendas em uma montanha com o martelo e de fazer baixar a altura do oceano bebendo de suas águas. O ponto fraco de Thor, que Skrymir manipulou para vencer a contenda, é não possuir a inteligência superior do pai, Odin. Thor é ingênuo, muitas vezes enganado por isso. Seu auxílio, porém, é indispensável para garantir a paz e a segurança dos homens e dos deuses, afastando as ameaças de gigantes e bruxas.

A *Visão da Adivinha* relata a epopéia da construção do Valhala, em que Thor teve participação fundamental para evitar o desastre dos

ases. Certo dia, um mestre-de-obras propôs aos deuses erguer uma enorme fortaleza para a defesa do Ásgard no prazo de um inverno, em troca da lua, do sol e da deusa Idun, das maçãs de ouro. Reunidos em assembleia, os deuses aceitaram o acordo por insistência de Loki, acreditando que a obra nunca poderia ser concluída no prazo estipulado.

O mestre-de-obras, que era um gigante, começou logo a construção, auxiliado pelo cavalo Svadilfari, e em pouco tempo a obra progrediu. Assustados, os deuses se deram conta da loucura do trato e procuraram um meio de rompê-lo. Thor, que regressara de uma viagem, enfrentou o gigante com seu martelo e o matou, pondo fim ao acordo. O Valhala, com suas grandes muralhas, passou a ser a fortaleza de Odin.

O ocaso dos deuses - Loki era filho do gigante Farbauti, esposo de Sigyn, amante de Angrboda, a bruxa do Bosque de Ferro, pai do lobo Fénrir, de Hel, a deusa dos mortos, e de Jormungand, a serpente de Midgard. Ele é incansável criador de problemas para os ases. Por sua causa, Hod matou Balder, o filho favorito de Odin, causando profunda tristeza no Ásgard. Os deuses toleraram Loki por muito tempo, mas agora queriam vingança e saíram à caça do malfeitor.

Loki buscou refúgio no oceano, disfarçado de salmão. Mas os ases o alcançaram, a bordo do navio Skidbladnir, e Thor conseguiu agarrá-lo com uma rede. Preso o foragido, os deuses lhe aplicaram um castigo: Loki foi amarrado numa pedra com as tripas de seu filho Narfi, convertidas em ferro. Uma serpente venenosa foi colocada acima de sua cabeça, de modo que o fel escorresse por seu rosto. A esposa Sigyn ficou a seu lado, recolhendo o veneno em um jarro. Porém, quando o jarro está cheio e ela vai esvaziá-lo, algumas gotas caem no rosto do condenado.



Pintura em pedra, de Gotlant, 400 D. C.: símbolo solar circundado por animais fabulosos. O sol, associado a Odin, é encontrado em muitas pedras rúnicas e gravações em pedra. Museu de Visby, Gotland.

Loki se retorce então com tanta força que a terra treme, provocando no Midgard assombrosos terremotos. Loki ficará nesse castigo até o advento do Ragnarök.

O Grande Inverno anuncia o fim próximo dos deuses. Tormentas de neve castigam o mundo dos homens, irmãos lutam contra irmãos, a loucura e o crime imperam. A terra treme, as águas se agitam, as estrelas caem do céu partido e os lobos Skol e Hati, filhos de Loki, devoram a lua e o sol. Tudo é escuri-

ção. De Múspel, o mundo das chamas, vêm Surt e os gigantes no barco chamado Maglfar, para levar a morte e a dor ao Ásgard. No timão do temível navio construído com as unhas dos mortos, está Loki, liberto do cativo. Heimdall, guardião dos deuses, faz soar o corno Giallarhorn, e do Valhala saem os guerreiros com suas lanças, para combater os gigantes. Mas é tarde. O lobo Fénrir ataca Odin, que tomba morto após duro combate. Garn, o cão que guarda a entrada do reino dos mortos, escapa e enfrenta Tyr, e ambos perecem. A serpente de Midgard revolve-se com furor, fazendo tremer a Árvore dos Mundos, e vomita veneno de tal modo que empesteia o ar e as águas.

Thor mata a serpente com seu martelo, mas sucumbe na luta. Surt lança suas chamas e abrasa o mundo dos deuses e o dos homens numa imensa labareda, colocando fim à era odínica. Após o Ocaso dos Deuses, no entanto, um novo ciclo cósmico terá início. A terra ressurgirá das águas, a vegetação voltará a florescer, os animais e os peixes se multiplicarão e um casal de humanos, Lif e Líftrásir, que se escondeu das chamas no bosque de Hoddmímir, fará ressurgir a raça humana. Entre os deuses, Vídar e Vali sobreviverão no campo de Idi, e a eles se juntarão Balder e Hod, que regressam do Hel, e os filhos de Thor, que trarão consigo o martelo Miöllnir. Um novo reinado dos deuses se estabelecerá e a harmonia voltará a se fazer presente no Universo.

A Visão da Adivinha (excerto)

1. Silêncio aos deuses, a todos peço, aos grandes e humildes filhos de Neimdal! Queres, oh Válfod, que eu conte bem as minhas lembranças de antigos ditos.

2. Gigantes recordo em tempos remotos de sua raça um dia eu mesma nasci; os mundos antigos, os nove, recordo sob a terra oculto o freixo sagrado.

3. Não havia na idade em que Ymir viveu nem areias nem mar nem frescas ondas; não havia a terra nem acima o céu tudo era um vazio, erva não havia.

4. Mas os filhos de Bur criaram o mundo, eles fizeram o glorioso Midgard; desde o sul o sol a terra iluminou e brotaram do solo as verdes plantas.

5. Pelo sul o sol, o irmão da lua, seu dedo assomou pela borda do céu; não sabia o sol que morada teria, não sabiam as estrelas que postos teriam, não sabia a lua que poder teria.

6. Todas as forças, os santos deuses, reuniram-se então em alto conselho; à noite e ao escuro nomes lhes deram, e também à alba e ao meio-dia. ▲

Cláudio Daniel é poeta e jornalista, autor do livro de poesias *Sutra*.

BIBLIOGRAFIA

- Anônimo, Eda Maior – Poesia Nórdica, Siglos IX-XIII, Alianza Editorial, Madri (Espanha), 1986, tradução e notas de Luís Lerate.
- Borges, Jorge Luis, História da Eternidade, Editora Globo, Porto Alegre (RS), 1982.
- Evola, Julius, O Mistério do Graal, Editora Vega, coleção Janus, Lisboa (Portugal), 1978.
- Harðen, Holger, Os Vikings, Editorial Verbo, Lisboa (Portugal).
- Hollinrake, R., Nietzsche, Wagner e a Filosofia do Pessimismo, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro (RJ), 1986.
- Sturluson, Snorri, Eda Menor, Alianza Editorial, Madri (Espanha), 1984, tradução e notas de L. Lerate.

O CAMINHO ESPIRITUAL

Uma Visão Transpessoal

*Um processo de cura que culmina com
a identificação com o Todo.*

*Uma jornada onde a alma se recorda de si mesma.
Primeiro artigo de uma série enfocando
as etapas do caminho segundo diferentes tradições.*

FRANCES VAUGHAN

Tradução e adaptação de Verônica Rapp de Eston

A *Divina Comédia*, que Dante Alighieri escreveu no início do século XIV na forma de narrativa autobiográfica, é uma alegoria clássica descrevendo a jornada da alma através do Inferno e do Purgatório para, finalmente, chegar ao Paraíso. A narrativa começa na véspera da Sexta-feira Santa, quando Dante acorda perdido numa floresta escura e selvagem. Ele é salvo pelo poeta latino Virgílio, que, como seu guia racional, lhe comunica que a única maneira de evadir-se é pelo centro da Terra, atravessando o reino do Inferno.

No Inferno, os pecadores são condenados a suportar, para todo o sempre, o castigo pelos seus vícios. Depois de inspecionar seus vários domínios e conversar com

alguns condenados, Dante emerge do outro lado da Terra, no sopé da montanha do Purgatório. É Domingo de Páscoa. Nas escarpas mais altas, almas arrependidas entregam-se a penitências e mortificações pelos sete pecados capitais. Nas escarpas inferiores ficam os que ainda não foram admitidos às penitências. Dante encontra muitos dos que outrora foram famosos e agora perceberam "a natureza vazia e transitória da glória humana". No alto está o Jardim do Éden. Finalmente, alcançado o objetivo da passagem pelo Purgatório, Virgílio diz a Dante que sua função de guia terminou. Recuperado do terrível efeito que lhe causou esse contato com a queda do homem, Dante está agora liberto para entrar no Paraíso. Não

necessita mais que lhe seja ditado um rumo externo, "institucional". É, agora, "reiebisposdesimesmo".

A razão é guia essencial através das etapas da história pessoal, que engloba níveis de consciência físicos, emocionais, sociais e existenciais. Mas a razão não entra no Paraíso. Nos níveis superiores, é Beatriz, a musa de Dante, aqui representando o amor, que se torna seu guia. Beatriz é uma imagem da alma que incorpora qualidades transpessoais, guiando-o, através da órbita celeste, para o alto — para os céus eternamente imóveis de Deus. O clímax é a visão de Deus. Ou numa linguagem mais atual, Dante, inspirado pelo amor, transcende a razão e se move, para além da angústia existencial, até a unidade da consciência.

A jornada de Dante é uma alegoria cristã. Mas os três níveis de realidade – o mundo inferior, o médio e o superior – são símbolos universais dos níveis de consciência. Um xamã, por exemplo, viaja pelos três em suas jornadas de cura. Inferno, purgatório e céu são parte da experiência humana em todos os caminhos espirituais. Qualquer pessoa que se sinta perdida, apavorada, confusa e busque ajuda na psicoterapia tradicional, muitas vezes também constatará que, no processo de cura, precisa passar pelo inferno de ter que defrontar-se com as conseqüências dolorosas de escolhas anteriores, talvez feitas inconscientemente. À medida que se antevê a saída e se começa a escalar a montanha do purgatório, antes de aspirar a níveis mais elevados de iluminação e consciência unificada, a disciplina e o esforço podem ser necessários para assumir a responsabilidade por si mesmo. Nas etapas inferiores e médias, um guia excelente da alma é a razão. Já os níveis superiores, inacessíveis à razão, se atingem abrindo o coração ao amor e ao perdão.

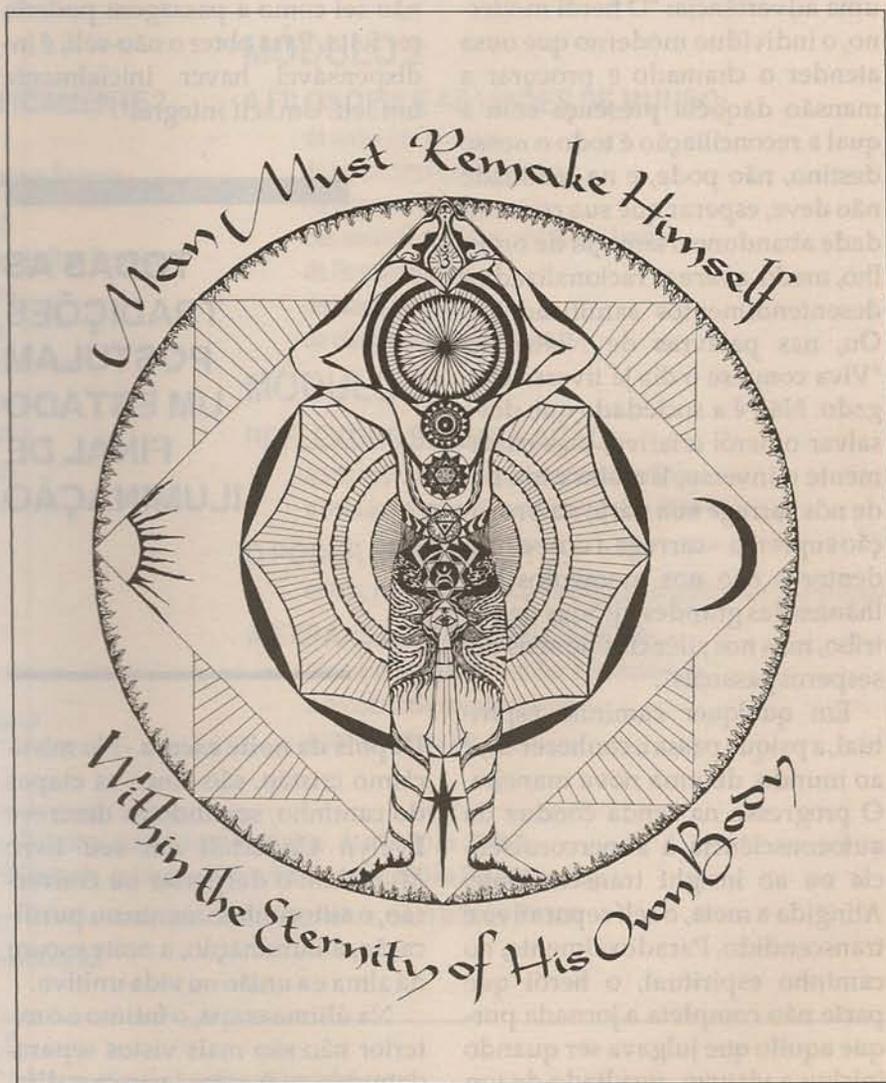
Como se o dia tivesse chegado - A lenda do Graal, da Europa Ocidental, simboliza igualmente a jornada da alma à procura da verdade. Aqui, o tema do amor romântico é levado ao campo de batalha. A lealdade a serviço do amor aparece como a motivação ideal da ação. O cavaleiro luta em defesa do amor e da honra, tentando corrigir os erros do mundo.

O mitólogo norte-americano Joseph Campbell ensina que o herói legendário sempre está só. Ele enfrenta o desconhecido quando entra na floresta escura e em sua jornada tem que combater várias espécies de inimigos. A cada dragão morto, uma donzela é libertada. O clímax da jornada pode ser a descoberta de um tesouro ou a união com a divindade. Ao completar a jornada,

o cavaleiro volta à pátria com o tesouro, levando paz, prosperidade e renovação. "O herói se aventura avante, saindo do mundo do dia-a-dia para uma região de milagres sobrenaturais: aí são encontradas forças fabulosas e é obtida uma vitória decisiva. O herói retorna desta aventura misteriosa com o poder de conceder mercês a seus semelhantes", diz Campbell em *O Herói de Mil Faces*.

O herói pode ser um guerreiro, um amante, um soberano, um profeta, um santo, um salvador, um sábio. Seja cristã, pré-cristã, não cristã, a jornada heróica, sempre uma proeza de conscientização, é um

tema universal, presente em todas as culturas. Uma metáfora universalmente conhecida é a senda espiritual representada como o arco interior do desenvolvimento humano nas principais tradições religiosas. Mas muitas imagens que aparecem no caminho são determinadas culturalmente; em todas as culturas, símbolos universais surgem sob diferentes formas e às vezes com diferentes significados. Por exemplo: a luz pode representar iluminação ou esclarecimento; o fogo pode corresponder a transformação, purificação ou consciência criativa; a cobra é ora símbolo de cura, ora de consciência diferencia-



Do livro *Mandala*, de José e Miriam Argüelles, Shambhala, Berkeley e Londres, 1972.

da. Outra constatação universal é que, quando essas imagens simbólicas se tornam familiares, tendemos a esquecer seu significado. Isso explica que pessoas criadas numa religião considerem outra mais significativa ou fascinante.

De uma perspectiva psicológica a jornada heróica pode ser vista como uma metáfora do desenvolvimento pessoal. Todos vivenciamos uma versão própria desta jornada quando superamos as identificações egocêntricas e nos envolvemos com o mundo a partir de um novo nível de consciência. Para o herói solitário que empreende a jornada, uma afirmação de Campbell em *O Herói de Mil Faces* vale por uma advertência: "O herói moderno, o indivíduo moderno que ousa atender o chamado e procurar a mansão daquela presença com a qual a reconciliação é todo o nosso destino, não pode, e na realidade não deve, esperar que sua comunidade abandone o lamaçal de orgulho, medo, avareza racionalizada e desentendimentos santificados..." Ou, nas palavras de Nietzsche: "Viva como se o dia já tivesse chegado. Não é a sociedade que deve salvar o herói criativo, mas exatamente o inverso. E assim cada um de nós carrega sua parte na provação suprema – carrega a cruz do redentor – não nos momentos brilhantes das grandes vitórias de sua tribo, mas nos silêncios de seus desesperos pessoais".

Em qualquer caminho espiritual, a psique passa a conhecer-se, e ao mundo, de uma nova maneira. O progresso na senda conduz da autoconsciência à superconsciência ou ao insight transcendente. Atingida a meta, o self separativo é transcendido. Paradoxalmente, no caminho espiritual, o herói que parte não completa a jornada porque aquilo que julgava ser quando iniciou a viagem, resultado de um autoconceito ilusório, é transcendido na realização do não-ser. Ber-

nadette Roberts, uma contemplativa cristã contemporânea explica: "O conhecimento da inteireza individual e da unidade concebida antes do início da jornada é afim, porém não idêntica, à inteireza que permanece quando a jornada terminou ou quando não mais houver self. Uma vez transposto o limite, é possível compreender uma inteireza maior que a do ser individual – a inteireza de tudo o que é. A unidade do self desapareceu, desintegrou-se, substituída por uma inteireza que não tem partes, e por isso não pode ser compreendida como integrada. Entretanto, foi a integração inicial que criou o preparo necessário para a jornada e, sem ela, não sei como a passagem poderia ser feita. Para obter o não-self, é indispensável haver inicialmente um self. Um self integral".

TODAS AS TRADIÇÕES POSTULAM UM ESTADO FINAL DE ILUMINAÇÃO

Depois da noite escura - No misticismo cristão, são cinco as etapas do caminho, segundo as descreve Evelyn Underhill em seu livro *Mysticism*: o despertar ou conversão, o autoconhecimento ou purificação, a iluminação, a noite escura da alma e a união ou vida unitiva.

Na última etapa, o íntimo e o exterior não são mais vistos separadamente, mas como aspectos diferentes da única e Grande Verdade da Existência. Por não ser parte do

mundo, a vida unitiva escapa às tentativas humanas de quantificá-la. Mas ela não é vivida fora do mundo ou afastada da humanidade. Ao contrário: atingida finalmente a plena consciência da realidade, o círculo do Ser se completa, retornando para fertilizar os níveis de consciência dos quais brotou. Para Evelyn Underhill, o místico é um pioneiro da humanidade, um ativista entre os santos, uma pessoa prática e intuitiva.

Alcançar o estado unitivo significa, portanto, ter percorrido o trajeto de cada um dos quatro estágios anteriores até chegar à auto-renúncia e à transcendência. No estado unitivo, o self triunfou sobre a noite escura – o confronto existencial com o não-ser – e realiza seu destino na união completa da individualidade com o Divino.

Embora retratem o caminho espiritual de diversas maneiras, todas as tradições postulam esse estado final de plena realização e iluminação. Na tradição hindu, "a jornada passa pelos sete vales, os sete reinos, os chacras, os planos de consciência, os degraus da fé. Muitas vezes, só sabemos que estivemos em determinado lugar depois de tê-lo ultrapassado", resume o filósofo americano Ram Dass em *Grist for the Mill*.

A psicologia iogue define os sete chacras como centros de energia psíquica localizados no corpo humano. Várias tradições comentam os chacras, mas nem todas concordam quanto à localização, número ou quanto ao que eles representam. E as interpretações quanto a seu significado variam mesmo em mestres influenciados pelo hinduísmo, como Sri Aurobindo, Swami Rama e Swami Rada.

Variações à parte, a localização dos chacras em áreas específicas do corpo reflete a tendência universal de identificar certos sentimentos e sensações com determinados pontos do corpo. As terapias corporais

confirmam essa topografia geral. O êxtase orgástico e a satisfação sexual nos adultos normais, por exemplo, estão centrados nos órgãos genitais (embora não se limitem a eles), enquanto a alegria e as forças vitais se expandem a partir do abdome. A região cardíaca, no tórax, parece conter e emanar o amor universal, enquanto a região da cabeça está associada ao insight e à realização intelectual e a parte superior da cabeça se relaciona ao êxtase espiritual do samádi. Quando os chacras estão abertos, em cada área correspondente podem ser vivenciadas sensações corporais de felicidade transcendente.

Cada chacra simboliza igualmente uma etapa específica na evolução da consciência. Conforme é descrita neste caminho, a auto-realização não implica apenas uma sensação física relativa a cada centro, mas também uma percepção dos diferentes níveis de realidade que eles representam. No estado normal de vigília a consciência é simbolizada por uma serpente representando a energia *kundalini*, enrolada na base da coluna vertebral, no chacra básico ou da raiz. A imagem do Uroborus, a serpente que morde a própria cauda, é um símbolo universal da inteireza inconsciente. "A existência no Uroborus foi a existência da participação mística", diz o psicólogo e filósofo israelense Eric Neumann no livro *História da Origem da Consciência*. "Isto significa que ainda não se deu o desenvolvimento do auto-sentido egóico. No nível do primeiro chacra, a consciência está relativamente indiferenciada, preocupada sobretudo com a alimentação e a sobrevivência. À medida que a consciência evolui, a energia da serpente *kundalini* desperta de seu sono e ascende na coluna, abrindo cada chacra na sua trajetória." É por isso que nas iconografias religiosas os seres iluminados são retratados com serpentes pousadas no alto da

cabeça, indicando que a energia *kundalini* atingiu o nível mais elevado. A deidade hindu Vishnu é representada com sete serpentes formando um halo ou coroa acima da cabeça. No budismo, o sábio Nagarjuna é retratado de forma semelhante.

Tal como a serpente do Jardim do Éden, que tentou Eva a comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, o despertar da consciência no primeiro chacra é o início da diferenciação. Distinções entre o bem e o mal, o ser e o não-ser, a consciência e a inconsciência, marcam o início da jornada da evolução humana. A serpente em si adquire natureza dualística. Como diz Campbell, "onde quer que a natureza seja reverenciada como autotomente e, assim, inerentemente divina, a serpente é reverenciada como símbolo de sua vida divina (...) no livro do Gênesis, onde a serpente é amaldiçoada, toda a natureza é depreciada (...) na mitologia cristã, a serpente normalmente é identificada com Satanás. Ela pode ser vista, portanto, como representação simbólica da consciência dualística, que percebe a si mesma separada da origem".

Arquétipos e chacras - Pela prática espiritual, a consciência pode chegar a abarcar os sete centros. Esta jornada do despertar, em geral é mostrada processando-se de maneira hierárquica: dos chacras inferiores para os superiores, embora se admitam algumas distorções ou exceções. Cada nível inferior de consciência é incluído no nível acima, ou subordinado a ele. Ou seja, os níveis inferiores são incluídos e integrados nas perspectivas mais amplas de cada nível superior. À medida que a evolução se expande, os estágios inferiores vão sendo avaliados como incompletos ou abaixo do ótimo. Em termos psicológicos, a abertura dos três primeiros chacras corresponde ao desenvolvimento do ego. O primeiro re-

presenta o território das sensações mais simples do mundo físico, material e está associado aos instintos de sobrevivência e aos padrões de comportamento de estímulos e respostas. O segundo, relacionado com a sexualidade, pode ser considerado o domínio da psicanálise freudiana. O terceiro, associado ao poder pessoal, pode ser relacionado com a psicologia do ego ou a vontade de poder da teoria adleriana.

O quarto chacra, o centro cardíaco, correspondente a valores altruístas de amor e compaixão, é frequentemente associado à psicologia de Carl G. Jung, que o considerava representante do desenvolvimento mais elevado da humanidade até o momento. Jung percebeu a correlação entre as imagens arquetípicas que apareciam nas visões de seus pacientes durante o processo de individuação e as imagens simbólicas representando estágios de desenvolvimento psicológico no sistema de chacras.

O desenvolvimento transpessoal teria início no quarto chacra e se completaria quando todos os chacras estivessem abertos. Uma vez que cada um deles representa um contexto ou estrutura particular através da qual se interpreta a realidade, à medida que a consciência evolui dos centros inferiores para os superiores, pode-se esperar que o desenvolvimento psicológico sadio os conduza, a todos, à completa percepção. ▲

Frances Vaughan, PH.D., é psicoterapeuta de formação transpessoal, ex-presidente da Associação para a Psicologia Transpessoal e autora de quatro livros e numerosos artigos sobre o tema. Este artigo baseia-se no capítulo "Planejando o Caminho Espiritual", do livro *The Inward Arc – Healing & Wholeness in Psychotherapy and Spirituality* – Shambhala, Boston e Londres, 1985.

ENSINAMOS O QUE SOMOS

*Preocupar-nos com nossos filhos
é preocupar-nos com nós mesmos.*

JOSEPH CHILTON PEARCE

Noventa e cinco por cento de todo o aprendizado se realiza abaixo do nível da percepção consciente, isto é, da percepção cognitiva da criança ou da pessoa de quem a criança estiver recebendo aprendizado. Quando ouvimos isto pela primeira vez, achamos inacreditável. À medida que estudamos, verificamos que é verdade.

A partir do nascimento, e mesmo quando a criança ainda está no útero, não temos consciência de grande parte do que estamos lhe ensinando. Nem a criança tem consciência do aprendizado que recebe de nós. A percepção consciente — nome que damos ao nosso ego — representa no máximo cerca de cinco por cento de toda a estrutura de conhecimento que existe no sistema cerebral/mental.

Começamos a ensinar nossos filhos a partir do momento em que nascem. O que tentamos ensiná-los? Queremos para eles um mundo melhor que aquele que nós tivemos. Queremos que vivam uma vida sem medos e que possam realizar-se em tudo aquilo em que nós, no íntimo, sentimos que não pudemos nos realizar.



Alex, 6 anos, do Centro Pedagógico Casa dos Pandavas.

*Mudando a nós mesmos
mudaremos o mundo da criança.
Porque somos o seu mundo.*

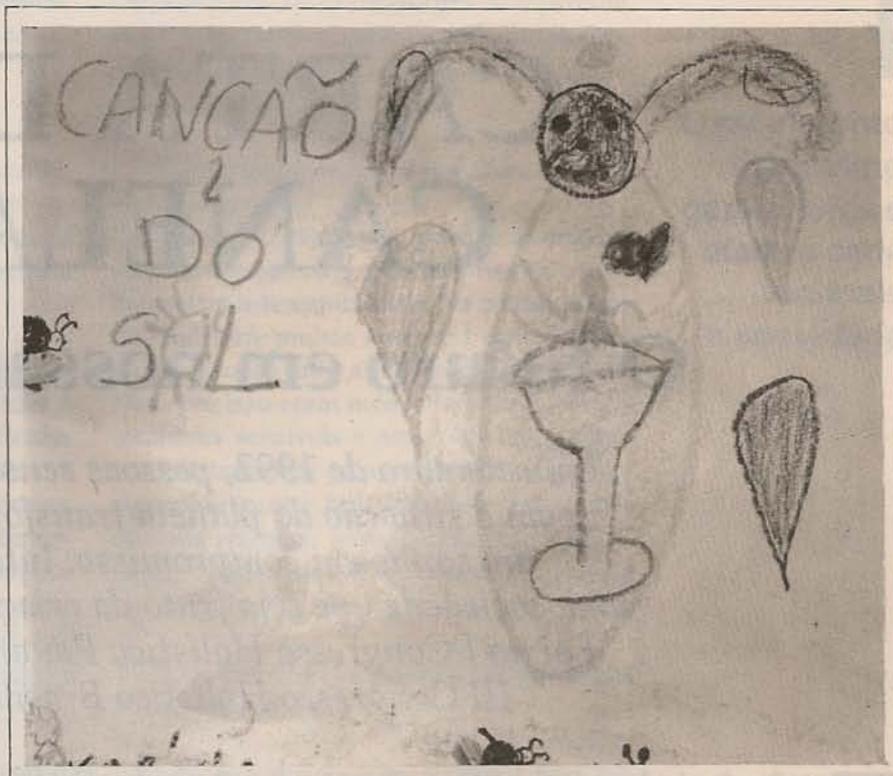
Desde o momento em que as crianças começam a ter noções de linguagem, começamos a determinar normas de comportamento, com o intuito de ajudá-las a evitar nossos próprios erros e proporcionar-lhes uma vida melhor. Nossas normas consistem, naturalmente, naqueles cinco por cento de idéias do ego que se dirigem àqueles cinco por cento do equipamento psíquico da criança. Grande parte dessas normas se reduzem a "não faça isto. Faça aquilo".

Apesar das normas, noventa e cinco por cento do aprendizado que a criança recebe de nós é uma estampa direta daquilo que somos. Carl G. Jung disse que a criança vive no lado sombrio dos pais, o lado emocional que não expressamos visivelmente em nossas ações, mas que sentimos profundamente em nosso interior. A criança vive em nossa vida emocional, capta-a e a reflete.

Verificamos que nossas idéias, mesmo as que não expressamos, mesmo as apenas implícitas, para a criança são diretamente expressas.

Quando nossos filhos têm por volta de dois anos – e falo na condição de pai de cinco filhos – verificamos que começam a refletir de volta todas as nossas pequenas mesquinhas e maldades secretas; aquelas que procuramos esconder deles, dos outros e de nós mesmos. Eles se tornam o espelho secreto daquilo que somos. Nada enraivece tão prontamente os pais quanto o reflexo de seus defeitos nos filhos. Aí, gritamos e esbravejamos: "Não seja o que eu sou. Seja o que eu digo que você deve ser!"

O tempo todo transmitimos mensagens ambíguas à criança.



Karina, 10 anos, do Centro Pedagógico Casa dos Pandavas.

Dizemos uma coisa, sentimos outra totalmente distinta e pensamos em outra ainda. Sorrimos embora estejamos sofrendo. Acabamos de ter uma briga ou de ler os jornais da manhã e nossas idéias estão num torvelinho, mas dizemos: "Bom dia querida!"

Todas as crianças nascem com um forte imperativo: o de seguir o modelo a qualquer custo. Assim, a criança vai se tornando o que somos, utilizando noventa e cinco por cento da estrutura neurológica do sistema cerebral/mental. Com os cinco por cento restantes, tenta desesperadamente seguir nossas normas para se tornar aquilo que dizemos que ela deve ser. Confrontando-se com maciça confusão e ambigüidade, fica dividida.

A criança nunca pode elevar-se

acima do nível de seus pais e mestres. Não há currículo, livro didático ou grande plano de modificação de comportamento capazes de empurrar essa criança acima de nosso próprio nível.

A única forma de enfrentarmos a atual crise da infância – muito mais séria do que estamos dispostos a reconhecer – é começar pelos modelos através dos quais nossas crianças crescem. Somente mudando a nós mesmos poderemos mudar o mundo da criança. Porque nós somos o seu mundo. ▲

Publicado originalmente no jornal *Inquiring Mind*, nº 2, Califórnia, 1992, p. 10.

Joseph Chilton Pearce é autor de seis livros, entre os quais *Magic Child* [em português *A Criança Mágica*], *The Crack in the Cosmic Egg* e *Evolution's End*.

CARTA DE CANELA

O futuro em nossas mãos

Em setembro de 1992, pessoas sensibilizadas com a situação do planeta transformaram um sonho em compromisso: lutar por uma sociedade que seja fruto da criação coletiva. Foi no I Congresso Holístico Panamericano, III Congresso Holístico Brasileiro.

Este fim de século se distingue por um estado de comoção e despertar.

Por um lado, somos testemunhas da crise acelerada do meio ambiente, do apogeu da pobreza, da fome em grande escala e do paroxismo bélico de etnias e credos intolerantes. Por outro, ocorrem tentativas crescentes de convivência fraterna, iniciativas de responsabilidade ecológica, estudos avançados sobre direitos humanos e construção da paz, valorização e atualização das tradições indígenas, experiências intensas de espiritualidade e ecumenismo, crescentes convergências disciplinares nas fronteiras da ciência, uma fertilização mútua entre ciência e tradições culturais e espirituais. Hoje se multiplicam as ondas expansivas de uma visão holística de um mundo melhor, focalizado no potencial mais elevado da nossa espécie.

Depois da Segunda Guerra Mundial, um grupo de cientistas e filósofos, espantado ante o poder que a tecnologia libertou das profundidades do átomo, conclamou a humanidade a mudar sua forma de pensar, como o único meio de possibilitar a sobrevivência.

Agora, quase meio século depois, um grupo de pessoas de diferentes faixas etárias, profissões e sistemas de valores e crenças, encontrou-se em Canela – uma pequena cidade do sul do Brasil – com o propósito de expressar suas ansiedades e preocupações sobre a situação atual do planeta.

Encontrando suporte umas nas outras, essas pessoas celebraram a vida a despeito dos problemas ambientais, sociais e econômicos que as afligem.

Havia crianças que através de músicas, danças e jogos expressaram sua necessidade de amor, de

esperança e compreensão. Manifestaram também sua solidariedade para com aquelas outras crianças que vivem em lares de triste solidão.

Havia filósofos interessados em apoiar as ciências e as tecnologias com uma visão terapêutica do mundo.

Havia educadores procurando transformar suas salas de aula, de espaços onde a informação incita à aquisição e ao consumo, em lugares onde os estudantes sejam encorajados a se tornarem mestres da sua própria saúde física, mental, emocional e espiritual.

Havia artistas e poetas que enriqueciam as metáforas científicas resultantes do nosso cérebro, com outras que nascem de nosso coração e de nossas relações interpessoais.

Havia cientistas e engenheiros que almejam conhecer cada vez mais, porém buscam uma sabedo-

Os empregados deixam de ser vistos como meros recursos: passam a ser considerados co-criadores.

ria capaz de utilizar apenas aquele conhecimento que propicie uma vida mais plena e menos ameaçadora.

Havia homens e mulheres de negócios interessados em mudar o caráter competitivo e hierárquico de suas funções para assim compartilhar responsabilidades, criatividade e crescimento. Os empregados, então, deixam de ser vistos como meros recursos e passam a ser considerados como indivíduos em constante desenvolvimento, co-criadores e beneficiários de bem-estar e riquezas. O trabalho,

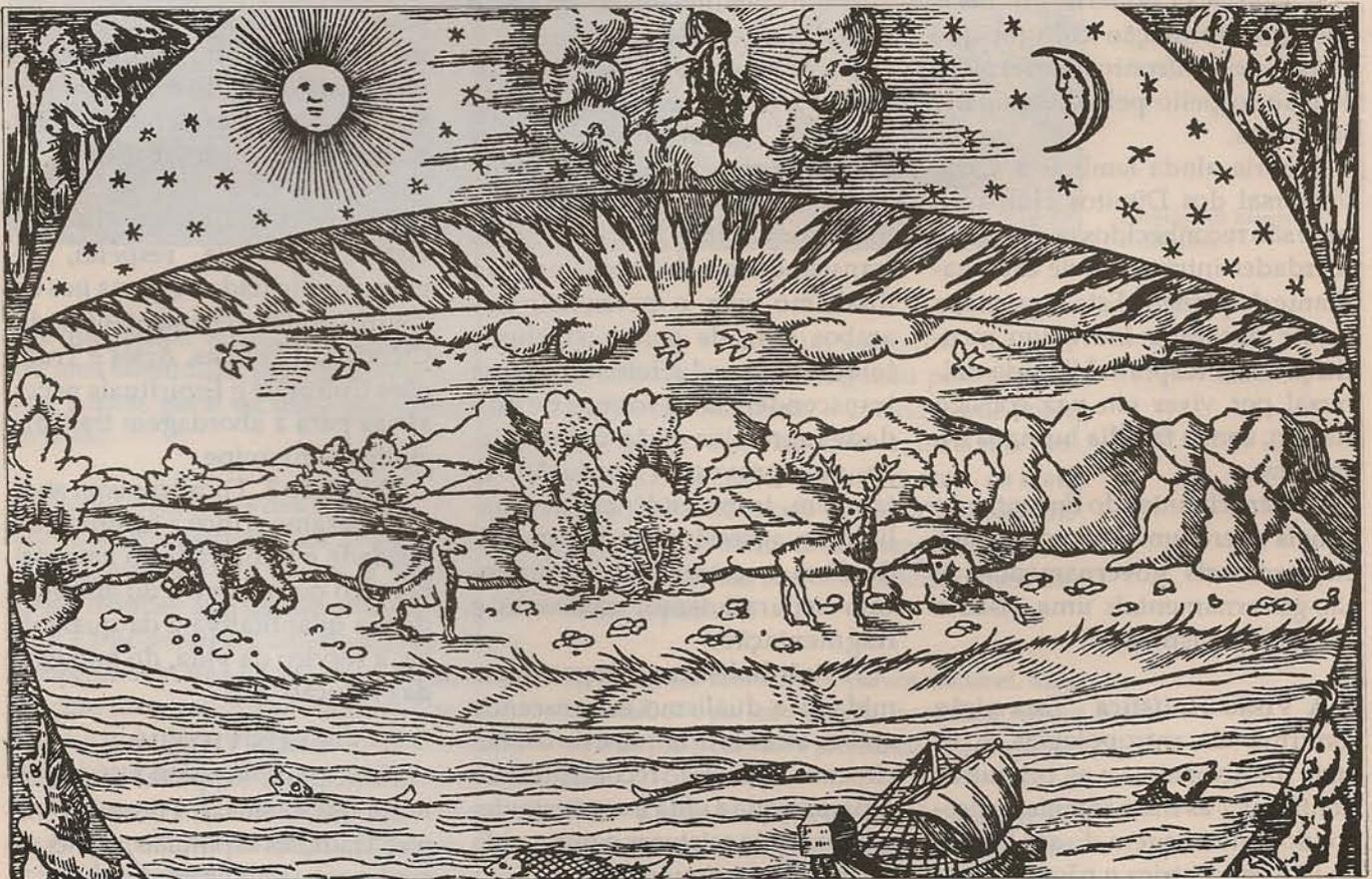
nesse contexto, se transforma em instrumento de auto-realização, onde todos exercem o direito de manifestar, eqüitativamente, o seu potencial.

Havia teólogos, cujas novas leituras das tradições clamam por um resgate do espírito na experiência humana.

Havia psicólogos e médicos cujo propósito é ajudar as pessoas a harmonizar suas necessidades naturais com as solicitações da sociedade, aprendendo a proteger-se de ambientes físicos contaminados e de papéis sociais doentios.

Havia economistas. Eles afirmam que o fluxo de dinheiro nas nossas sociedades deveria ser gerado pela produção de bens e serviços que satisfaçam as necessidades humanas e não pela especulação financeira e a indústria bélica. Estes economistas pensam também que o número de seres humanos e a produção total de bens e serviços devem respeitar os limites da natureza e fazer bom uso das oportunidades apresentadas por ela.

Os participantes do I Congresso Holístico Panamericano e do III Congresso Holístico Brasileiro so-



Porei meu arco na nuvem e ele se tornará um sinal da aliança entre mim e a terra: quando eu reunir as nuvens sobre a terra e o arco aparecer na nuvem, eu me lembrarei da aliança que há entre mim e vós e todos os seres vivos; e as águas não mais se tornarão um dilúvio para destruir toda carne.
(Gênesis 9:13-15)

licitam aos organismos internacionais, governamentais e não-governamentais, que promovam o processo de transformação, não apenas da maneira como pensamos e administramos nossas vidas, lares, economias e sociedades, mas também do modo como sentimos o mundo, do modo como nos comunicamos com o espiritual e nos relacionamos uns com os outros e com a natureza.

O Conselho de Segurança das Nações Unidas poderia garantir a paz e os direitos humanos aliviando as nações do mundo do fardo de sustentar exércitos.

A UNESCO poderia propiciar uma transformação cultural que levasse do confronto à fraternidade e ao respeito pela diversidade dos povos.

Caberia ainda lembrar a Carta Universal dos Direitos Humanos onde são reconhecidos os direitos e liberdades intrínsecos de cada habitante do planeta. Esta nova etapa requer que cada indivíduo reconheça a sua responsabilidade universal por viver em paz consigo mesmo, com a família humana e a natureza.

Os participantes do Encontro de Canela oferecem aos organismos internacionais governamentais e não-governamentais uma visão e uma ética holísticas.

A Visão Holística - Esta visão confirma as antropologias - as mais tradicionais - e as pesquisas científicas - as mais recentes - propondo uma imagem do ser humano não egocêntrica e não antropocêntrica. O bem-estar do ser humano depende e participa do bem-estar da Terra e de todas as criatu-

ras vivas. Este bem-estar também depende da expansão da consciência humana para abarcar tanto a informação quanto a transcendência. As conseqüências éticas e as aplicações concretas de tal antropocosmo-ontologia são inúmeras no domínio da economia, da vida social cotidiana, da educação, da relação homem-natureza, das práticas religiosas, da vida política, da saúde e em outros campos.

A abordagem holística do real tende assim a desenvolver riqueza, conhecimento e potencialidade, mas também a qualidade da condição humana.

É um movimento de evolução existencial e essencial.

Reconhecendo a homogeneidade e a heterogeneidade dos fenômenos, a abordagem holística do real propõe um equilíbrio que ao mesmo tempo os confirme e os ultrapasse. Isto implica uma transcendência do monismo e do dualismo com o potencial, que ambos têm, de gerar estruturas totalitárias e reducionistas. É uma transcendência de formas de unidade regressiva e não-diferenciada que provocam confusão. É, também, transcendência de dualidades agressivas e de individualismos estreitos que provocam separatismo, confronto e fragmentação.

A visão holística abrange uniformidade e dualismo e transcende ambos através do amor e do conhecimento. Esta visão recomenda não separar o que a vida une constantemente, e não misturar o que a vida diferencia continuamente.

A rejeição à confusão e à separação é uma característica intrínseca da visão holística.

A Ética Holística - Inspirando-se, sobretudo, nos valores de preservação da vida, alegria, cooperação, amor e serviço, criatividade, sabedoria e transcendência, traduzidos por ações efetivas agrupadas abaixo nas categorias de inteireza, inclusividade e plenitude, postulamos os seguintes princípios éticos adotados pela Universidade Holística Internacional de Brasília.

I-INTEIREZA

Princípio 1. Estar atento à utilização da terminologia holística (do grego *holos*: inteiro), levando em conta que o novo paradigma considera cada evento como uma parte e um reflexo do todo, conforme a metáfora do holograma. É uma visão na qual o todo-e-as-partes estão sinergicamente em inter-relações dinâmicas, constantes e paradoxais.

Princípio 2. Cultivar discernimento, tolerância, respeito, alegria, simplicidade e clareza nos encontros entre representantes das Ciências, Filosofias, Artes e Tradições Culturais e Espirituais necessárias para a abordagem transdisciplinar em equipe.

Princípio 3. Focalizar com abertura e exame crítico a complementaridade e a contradição na consideração do relativo e do absoluto, da via quantitativa e da qualitativa, a serviço da vida, do homem e da evolução.

II-INCLUSIVIDADE

Princípio 4. Respeitar a fonte comum das Ciências, Filosofias, Artes e Tradições Espirituais, ao mesmo tempo que a singularidade destas.

Princípio 5. Reconhecer e respeitar cada ser e cada cultura como manifestações da realidade plena.

Princípio 6. Levar em consideração o fato de que o produto de toda criatividade não tem, em última instância, nenhum proprietário, respeitando contudo os autores individuais e coletivos.

III – PLENITUDE

Princípio 7. Ser solidário com o outro na satisfação de suas necessidades de sobrevivência e de transcendência.

Princípio 8. Colaborar com o outro na preservação do bem comum e na convivência harmoniosa com a natureza.

Princípio 9. Buscar um ideal de sabedoria indissociada da dimensão do amor e do serviço.

Como um signo de um novo tempo, onde a promessa da semente cede espaço à fragrância do fruto; como emblema de uma contagiosa solidariedade onde o sonho de plenitude, sabedoria e justiça se converte em mãos dadas e vontades amigas, surge um canto de amizade com a natureza, um hino de convivência com a criatura humana em transe traumático de evolução e um compromisso consciente para a criação coletiva da sociedade futura. Sem necessidade de heróis nem monopólios da verdade – uma dança transparente de invenção onde o amor é a mãe de todas as transformações. ▲

Signatários:

Abelardo Brenes – Costa Rica
 Antonio Elizalde – Chile
 Carlos Martínez-Bouquet – Argentina
 Harbans Lal Arora – Índia/Brasil
 Jean-Ives Leloup – França
 Ken O'Donnell – Austrália
 Lia Diskin – Argentina/Brasil
 Martha N.C. de Vecchio – Argentina/Brasil
 Mario Kamenetzky – Argentina/USA
 Maurício Andrés Ribeiro – Brasil
 Miguel Grinberg – Argentina
 Octavio Rivas Solis – México
 Philip S. Gang – USA
 Pierre Weil – França/Brasil
 Sofia Kamenetzky – Argentina/USA

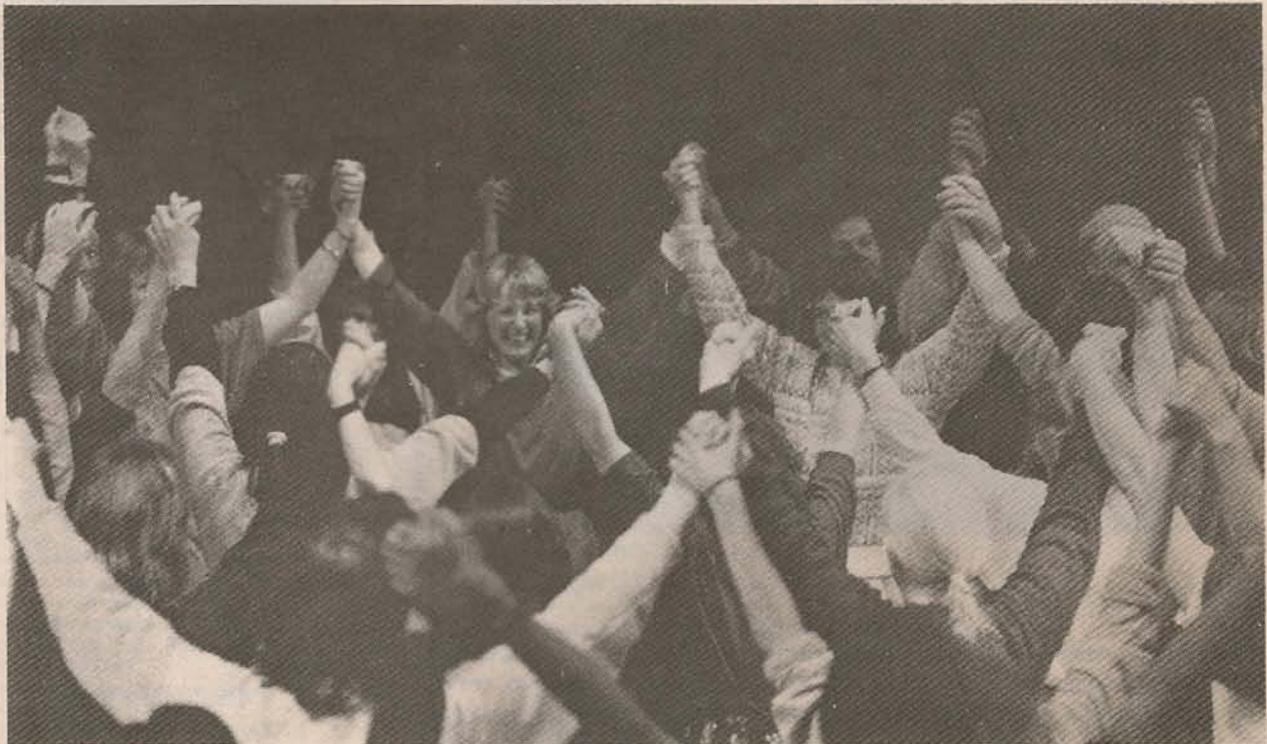
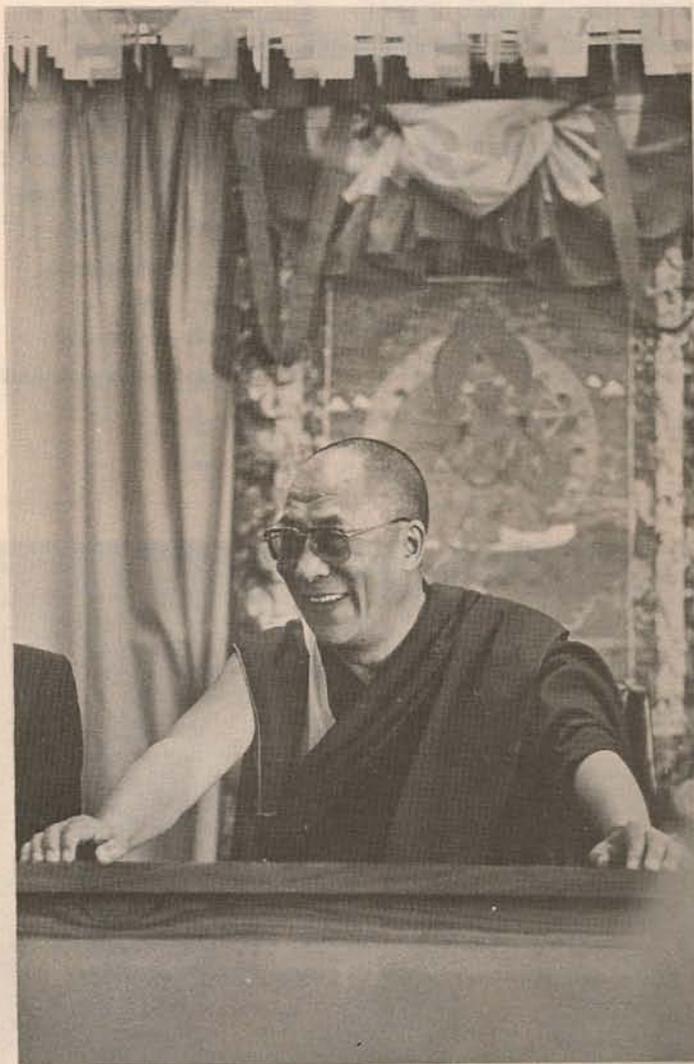


Foto da Findhorn Foundation

EPIFANIAS

Oração ao Dalai Lama



Juca Martins/Pulsar

Paulo Bomfim compôs esta poesia para homenagear o Dalai Lama em sua visita ao Brasil. Ele a recitou no dia 10 de junho de 1992, no Ginásio Mauro Pinheiro, em São Paulo, onde o Dalai Lama proferiu a palestra pública *Amor, Compaixão e Responsabilidade Universal*. Ela reaviva sua passagem por este país e a profunda repercussão de sua figura compassiva.

*Bem-vindo à terra paulista,
À cidade das mil torres,
Aos mantras que o vento entoa
Entre neblinas mandalas.*

*Bem-vindo sol peregrino
Com a coroa de exílios,
Trazendo na luz dos passos
O pó de tantos caminhos!*

*Bem-vindo aquele que é um povo
Com a pátria transmigrando,
E um martírio, rosa rubra,
Florindo em céus estrangeiros!*

*Bem-vindo ao porto paulista
À porta de tantos rumos,
Às raças de tantos ramos,
Ao mar dos rios do mundo!*

*Com seu sorriso distante,
Com sua piedade cósmica,
Com suas mãos semeadoras,
Com seus caminhos secretos,
Com seus destinos de amor,
Com a paz em seus desígnios,
Com a chama em tanta noite,
Com o perdão florescendo
No bordão de peregrino!*

*Bem-vindo ao "lago do céu",
Mosteiro de muitas bênçãos,
Moinho das orações
Em nosso planalto irmão!
Com Sete Flores do Lótus
Sob a árvore sagrada,
Com sua voz do silêncio,
Com seus sutras de diamante,
Com o SOM de suas preces;
Dalai flama, Dalai Lama,
Bem-vindo à terra paulista!*

Paulo Bomfim

THOT é uma publicação que não se limita a acompanhar as mudanças de idéias e fatos. **THOT** intervém nas mudanças, levando ao leitor as novas visões de mundo que surgem nas áreas da filosofia, das ciências, das artes, da mitologia e das tradições.

É nosso propósito refletir sobre a realidade interna e externa e compartilhar essa reflexão com nosso leitor: é ele o porta-voz dos novos rumos e aspirações que configuram o perfil de uma comunidade humana mais livre, responsável, compassiva e aberta.

Assim é **THOT**.

Participe conosco dessa aventura no mundo das idéias e dos fatos.

*Natureza é cor
Natureza é vida
Natureza, mãe-terra*



Binhos defendendo as cores do Pantanal.

**BINHOS
FOTOLITO**

Rua Miguel Teles Junior, 431
Fones: (011) 270-9609 / 270-9500
01540 - São Paulo - SP